

Exercícios de Literatura sobre Modernismo com Gabarito

1) (Unifesp-2002) Uma linha de coerência se esboça através dos zigue-zagues de sua vida. Ora espiritualista, ora marxista, criando um dia o Pau-Brasil, e logo buscando universalizá-lo em antropofagia, primitivo e civilizado a um tempo, como observou Manuel Bandeira, solapando o edifício burguês sem renunciar à habitação em seus andares mais altos, Oswald manteve sempre intata sua personalidade, de sorte a provocar, ainda em seus últimos dias, a irritação ou a mágoa que inspirava quando fauve modernista de 1922.

(Carlos Drummond de Andrade, Poesia e prosa.)

Carlos Drummond de Andrade identifica, no texto transcrito, uma linha de coerência na vida de Oswald de Andrade. Esta coerência se verifica, segundo o texto,

- nos aspectos ideológicos e político.
- na criação poética.
- na obra de ficção narrativa.
- na defesa dos valores burgueses.
- na personalidade forte e agressiva.

2) (UFG-2007) Leia os poemas de Cora Coralina e de Cruz e Sousa.

Todas as vidas

[...]

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.

[...]

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.

[...]

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...

[...]

Todas as vidas dentro de mim.
Na minha vida -
a vida mera das obscuras.

CORALINA, Cora. *Melhores poemas.*, Seleção de Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 2004. p. 253-255. (Coleção melhores poemas).

Afra

Ressurges dos mistérios da luxúria,
Afra, tentada pelos verdes pomos,
Entre os silfos magnéticos e os gnomos
Maravilhosos da paixão purpúrea.
Carne explosiva em pólvoras e fúria
De desejos pagãos, por entre assomos
Da virgindade – casquinantes momos
Rindo da carne já votada à incúria.
Votada cedo ao lânguido abandono,

Aos mórbidos delíquios como ao sono,
Do gozo haurindo os venenosos sucos.
Sonho-te a deusa das lascivas pompas,
A proclamar, impávida, por trompas
Amores mais estéreis que os eunucos!
SOUSA, Cruz e. *Broquéis, Faróis e Últimos sonetos.* 2ª. ed. reform., São Paulo: Ediouro, 2002. p. 24-25. (Coleção super prestígio).

Vocabulário:

silfos: espíritos elementares do ar

assomos: ímpeto, impulso

casquinantes: relativo à gargalhada, risada de escárnio

momos: ator que representa comédia

incúria: falta de cuidado

delíquios: desfalecimento, desmaio

haurindo: extraindo, colhendo, consumindo

Nos poemas apresentados, os autores tematizam a mulher com perspectivas diferenciadas no que diz respeito, respectivamente, à

- preocupação com a cor local e à fuga da realidade em situações espirituais.
- perspectiva referencial dada ao tema e ao enquadramento conceptista das imagens.
- ênfase no misticismo africano e à descrição fantástica do corpo da mulher.
- musicalidade recorrente para a composição dos perfis e ao entrelaçamento de poesia e prosa.
- valorização de condições sociais marginalizadas e à construção erotizada da figura feminina.

3) (Unifesp-2002) Uma linha de coerência se esboça através dos zigue-zagues de sua vida. Ora espiritualista, ora marxista, criando um dia o Pau-Brasil, e logo buscando universalizá-lo em antropofagia, primitivo e civilizado a um tempo, como observou Manuel Bandeira, solapando o edifício burguês sem renunciar à habitação em seus andares mais altos, Oswald manteve sempre intata sua personalidade, de sorte a provocar, ainda em seus últimos dias, a irritação ou a mágoa que inspirava quando fauve modernista de 1922.

(Carlos Drummond de Andrade, Poesia e prosa.)

Carlos Drummond de Andrade, ao opinar sobre Oswald de Andrade, vale-se da ironia, que fica evidente numa das observações que relaciona o lado político e ideológico, a personalidade e o comportamento em termos de classe social. A ironia de Drummond se manifesta com clareza no segmento

- Uma linha de coerência se esboça através dos ziguezagues de sua vida.
- criando um dia o Pau-Brasil, e logo buscando universalizá-lo em antropofagia.
- primitivo e civilizado a um tempo, como observou Manuel Bandeira.
- solapando o edifício burguês sem renunciar à habitação em seus andares mais altos.

e) Oswald manteve sempre intata sua personalidade, de sorte a provocar, ainda em seus últimos dias, a irritação ou a mágoa.

- 4) (Fuvest-2000)** Em Vidas secas e em Morte e vida severina, os retirantes Fabiano e Severino
- são quase desprovidos de expressão verbal, o que lhes dificulta a comunicação até mesmo com os mais próximos.
 - encontram na relação carinhosa com os filhos sua única fonte permanente de ternura em um meio hostil.
 - surgem como flagelados, que fogem das regiões secas, mas se decepcionam quando chegam ao Recife.
 - são homens rústicos e incultos, que não possuem habilidades técnicas ou ofícios que lhes permitam trabalhar.
 - aparecem como oprimidos tanto pelo meio agreste quanto pelas estruturas sociais.

5) (UEL-2007) Analise a imagem a seguir:



Fonte: AMARAL, T. do. Religião Brasileira (1927).

Com base na imagem e nos conhecimentos sobre o modernismo brasileiro no período de 1920 a 1930, é correto afirmar:

- O movimento modernista propõe a releitura de temas retratados por pintores europeus do final do século XIX, especialmente paisagens e alegorias históricas, como fator de ruptura aos princípios acadêmicos.
- Incorporando técnicas de deformação da figura e estilização das linhas, o modernismo brasileiro introduz o prosaico como pilar da nacionalidade, conceito este discutido paralelamente ao movimento artístico.
- A pintura no modernismo brasileiro destaca personagens urbanos com características do realismo, influenciando, assim, os primeiros pintores do movimento.
- O interesse por temas populares e folclóricos do Brasil, paralelamente à incorporação de novas tendências da arte, propiciou campo fértil à execução de trabalhos plásticos pelos artistas.
- Impulsionada pelos modernistas, a escultura congrega as principais características do movimento, reproduzindo os modismos e integrando vários estilos em suas peças.

6) (UFG-2007) Leia o poema de Cora Coralina.

Aninha e suas pedras

Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.
[Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.

CORALINA, Cora. *Melhores poemas*. Seleção de Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 2004. p. 243. (Coleção melhores poemas).

A coletânea de poemas de Cora Coralina está organizada em sete núcleos temáticos, um dos quais é “Entre pedras e flores” que contém o presente poema, cujo eixo temático relaciona-se

- ao trabalho do poeta que deve ser norteado pelo registro metalingüístico.
- ao caráter metafórico que é constituído de elementos pitorescos.
- ao verso prosaico que renova o modo tradicional de composição.
- à educação pela arte que transmite valores estéticos restritos.
- à arte poética que incentiva a função de pensar e reformular a vida factual.

7) (ESPM-2007) Os poetas e escritores modernistas, dentre outras posturas, defenderam a linguagem coloquial, incorporaram léxico e construções de extração popular e regional e valorizaram elementos nacionais. Pode-se identificar num outro momento anterior da literatura que, dentro de um espírito nacionalista, também houve a defesa de uma possível “língua brasileira”, fato este verificado pela frase:

- “Porque o escrever — tanta perícia, / Tanta requer, / Que ofício tal... nem há notícia / De outro qualquer.” (Olavo Bilac)
- “O defeito que eu vejo nessa lenda [Iracema], o defeito que vejo em todos os livros brasileiros, e contra o qual não cessarei de bradar intrepidamente é a falta de correção na linguagem portuguesa, ou antes a mania de tornar o brasileiro uma língua diferente do velho português (...)” (Pinheiro Chagas)
- “O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pêra, o damasco e a nêspera?” (José de Alencar)

- d) “Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que meu inconsciente me grita” (Mário de Andrade)
- e) “A grande poesia consiste na linguagem carregada de significação no mais alto grau possível” (Ezra Pound)

8) (Fatecs-2007) TEXTO I

Em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade.

Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam aimará, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem.

Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor de cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência.

TEXTO II

Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando.

Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaimuns diz-que habitando a água doce por lá.

Nem bem teve seis anos deram água num chocalho pra ele e começou falando como todos. E pediu pra mãe que largasse a mandioca ralando na cevadeira e levasse ele passear no mato. A mãe não quis porque não podia largar da mandioca não. Ele choramingou dia inteiro.

(Texto com adaptações.)

Considere as seguintes afirmações acerca desses textos.

- I. Os dois textos são descritivos: no Texto I predomina a descrição estática, de traços físicos da personagem; no texto II predomina a descrição dinâmica, de ações que caracterizam a personagem.
- II. Identifica-se o texto I como produto do Romantismo, especialmente pelo traço de idealização do herói exposto na linguagem.
- III. As marcas de estilo presentes no texto II são próprias do Modernismo: imitação do linguajar coloquial, palavras e construções da língua popular.

IV. O resgate da temática indianista está presente nos dois textos, com o mesmo tratamento, prestigiando o elemento local e adotando igual ponto de vista na composição da singular identidade do homem brasileiro. Deve-se concluir que estão corretas as afirmações:

- a) I, II e III, apenas.
- b) I, III e IV, apenas.
- c) II, e IV, apenas.
- d) II, III e IV apenas.
- e) I, II, III e IV.

9) (Mack-2007) Considere as seguintes afirmações acerca da poesia modernista brasileira.

- I. Valorizou a concepção idealizada da figura feminina.
- II. No tratamento de alguns temas, manteve um diálogo irreverente com a tradição literária.
- III. Recuperou a imagem da “mulher fatal”, enaltecida pelos clássicos, mas em versos livres e brancos.
- IV. Adotou uma linguagem prosaica, cujo ritmo fluente revela a marca da oralidade.
- Assinale:
- a) se apenas I estiver correta.
- b) se apenas IV estiver correta.
- c) se apenas I e III estiverem corretas.
- d) se apenas I e IV estiverem corretas.
- e) se apenas II e IV estiverem corretas.

10) (Unifesp-2002) Um dos maiores benefícios que o movimento moderno nos trouxe foi justamente esse: tornar alegre a literatura brasileira. Alegre quer dizer saudável, viva, consciente de sua força, satisfeita com seu destino. Até então no Brasil a preocupação de todo escritor era parecer grave e severo. O riso era proibido. A pena molhava-se no tinteiro da tristeza e do pessimismo. O papel servia de lenço. De tal forma que os livros espremidos só derramavam lágrimas. Se alguma idéia caía vinha num pingo delas. A literatura nacional não passava de uma queixa gemebunda. Por isso mesmo o segundo tranco da reação foi mais difícil: integração no ambiente. Fazer literatura brasileira mas sem choro. Disfarçando sempre a tristeza do motivo quando inevitável. Rindo como um moleque. (Antonio de Alcântara Machado, Cavaquinho e saxofone.)

Entre os textos de Manuel Bandeira (de *O Ritmo dissoluto*), transcritos nas cinco alternativas, aquele que comprova a opinião de Alcântara Machado é

- a) E enquanto a mansa tarde agoniza,
Por entre a névoa fria do mar
Toda a minha alma foge na brisa;
Tenho vontade de me matar.

b) A beleza é um conceito.
E a beleza é triste.
Não é triste em si,
Mas pelo que há nela de fragilidade e de incerteza.

c) Sorri mansamente... em um sorriso pálido... pálido
Como o beijo religioso que puseste
Na fronte morta de tua mãe... sobre a sua fronte
morta...

d) Noite morta.
Junto ao poste de iluminação
Os sapos engolem mosquitos.

e) A meiga e triste rapariga
Punha talvez nessa cantiga
A sua dor e mais a dor de sua raça...
Pobre mulher, sombria filha da desgraça!

11) (PUC - PR-2007) Assinale a alternativa correta para as características do Modernismo de 1922, também chamado de “fase heróica”.

- a) espírito polêmico e destruidor, valorização poética do cotidiano, nacionalismo, busca da originalidade a qualquer preço.
- b) Temática ampla com preocupação filosófica, predomínio do romance regionalista, valorização do cotidiano, nacionalismo.
- c) Espírito polêmico, busca da originalidade, predomínio do romance psicológico, valorização da cidade e das máquinas.
- d) Visão futurista, espírito polêmico e destruidor, predomínio da prosa poética, valorização da cidade e das máquinas.
- e) Valorização poética do cotidiano, linguagem repleta de neologismos, nacionalismo e busca da poesia na natureza.

12) (VUNESP-2007) A velha contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:

– É areia!

Aí quem riu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e lá só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai!

O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

– O senhor promete que não “espáia”? – quis saber a velhinha.

– Juro – respondeu o fiscal.

– É lambreta.

(Primo Altamirando e Elas.)

Entre outras características, a assimilação da “contribuição milionária de todos os erros” aplica-se já ao ideário renovador do Modernismo, no início do século passado. Tendo em vista que o texto de Stanislaw Ponte Preta se constrói com apoio em variedades lingüísticas populares, aponte uma palavra, usada no texto, que pode significar o aproveitamento dos “erros” percebidos na fala popular. Na seqüência, comente o caráter inesperado do uso desse “erro”, examinando o contexto em que ele está inserido.

13) (Mack-2007) A bem dizer, sou Ponciano de Azeredo Furtado, coronel de patente, do que tenho honra e faço alarde. Herdei do meu avô Simeão terras de muitas medidas, gado do mais gordo, pasto do mais fino. Leio no corrente da vista e até uns latins arranhei em tempos verdes da infância, com uns padres-mestres a dez tostões por mês. Digo, modéstia de lado, que já discuti e joguei no assoalho do Foro mais de um doutor formado. Mas disso não faço glória, pois sou sujeito lavado de vaidade, mimoso no trato, de palavra educada. Já morreu o antigamente em que Ponciano mandava saber nos ermos se havia um caso de lobisomem a sanar ou pronta justiça a

ministrar. Só de uma regalia não abri mão nesses anos todos de pasto e vento: a de falar alto, sem freio nos dentes, sem medir consideração, seja em compartimento do governo, seja em sala de desembargador. Trato as partes no macio, em jeito de moça. Se não recebo cortesia de igual porte, abro o peito:

— Seu filho de égua, que pensa que é?

José Cândido de Carvalho – O coronel e o lobisomem: deixados do Oficial Superior da Guarda Nacional, Ponciano de Azeredo Furtado, natural da praça de Campos de Goitacazes

Obs.: compartimento do governo - repartição pública

No fragmento citado,

- começo do romance O coronel e o lobisomem, a expressão inicial cria a expectativa de que o narrador pretende esclarecer a verdade sobre o que se dizia sobre ambos, e isto constitui, de fato, o ponto central do trecho.
- o narrador, após apresentar seu nome e patente, passa a fazer um retrato de si mesmo inserindo-se totalmente no passado, anacronismo que provoca o riso.
- apesar das negativas do narrador, tem-se uma apresentação elogiosa da figura do coronel, e esse jogo entre o que se diz e o que se mostra produz efeitos de humor.
- o narrador, apesar de se vangloriar da grande herança recebida em terras, pasto e gado, oscila entre assumir sua condição de homem humilde do ambiente rural e o desejo de obscurecer sua falta de instrução.
- o narrador, relatando sua própria história, refere-se a si mesmo em terceira pessoa, recurso que expressa o propósito de afastar-se da sua antiga imagem de homem de falar alto, desafiador de lobisomem e de hierarquias.

14) (Fuvest-2002) Considere as seguintes comparações entre *Vidas secas* e *A hora da estrela*:

- Os narradores de ambos os livros adotam um estilo sóbrio e contido, avesso a expansões emocionais, condizente com o mundo de escassez e privação que retratam.
- Em ambos os livros, a carência de linguagem e as dificuldades de expressão, presentes, por exemplo, em Fabiano e Macabéa, manifestam aspectos da opressão social.
- A personagem sinha Vitória (*Vidas secas*), por viver isolada em meio rural, não possui elementos de referência que a façam aspirar por bens que não possui; já Macabéa, por viver em meio urbano, possui sonhos típicos da sociedade de consumo.

Está correto apenas o que se afirma em

- I.
- II.
- III.
- I e II.
- II e III.

15) (Unicamp-2001) O burocrata lírico que protagoniza o romance *O amanuense Belmiro*, de Ciro dos Anjos, é avesso a comportamentos extremados, espontâneos ou instintivos, característica que aparece registrada em suas anotações. Uma das raras exceções ocorre no episódio da noite de Carnaval, descrito no capítulo 7, "A donzela Arabela".

- Resumidamente, o que acontece a Belmiro nessa noite?
- Como esses acontecimentos alteram o balanço entre presente e passado em suas "notas" ou "apontamentos" pessoais?

16) (UFSC-2006) Podem-se **estabelecer relações** entre as obras indicadas para este Vestibular, o contexto sócio-cultural e outros textos.

Com base nesta consideração, assinale a(s) proposição(ões) abaixo que esteja(m) **CORRETA(S)**.

- Embora em contextos diferentes, os escrito-res se utilizam de recursos recolhidos dos costumes populares para a composição de seus textos. Assim, Jorge de Lima, no poema "Xangô", faz o apelo: "São Marcos, S. Manços / com o **signo-de-salomão**", que pode ser comparado ao mesmo recurso utilizado por Franklin Cascaes, quando ensina os remédios contra as bruxas: "ervas, alho e a cruz de **sino saimão**".
- O romance *O império caboclo*, de Donald Schüller, utiliza-se da Guerra do Paraguai como tema principal. Da mesma forma, Euclides da Cunha utiliza-se da temática histórica da Guerra de Canudos para compor *Os sertões*.
- A profecia, utilizada como anúncio de catástrofes, pode ser lida tanto nas palavras de Antônio Conselheiro, personagem de Euclides da Cunha, como na figura do pajé, construída no texto de Werner Zotz. Os dois personagens alertam para o fim de um mundo, de um povo, de uma cultura.
- Os imigrantes de diferentes nacionalidades constituem temática freqüente dos ficcionistas brasileiros, que retratam as diferentes culturas formadas no Brasil por esse processo histórico. É assim que *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Antônio de Alcântara Machado, e *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes, retratam a cultura italiana no sul do Brasil.
- Em *200 crônicas escolhidas*, Rubem Braga confirma o gênero textual que dá nome à obra, por apresentar textos com assuntos do dia-a-dia relacionados à natureza, à mocidade, ao amor à vida simples, por meio de uma linguagem clara e com certo tom de informalidade.
- Há uma notável intertextualidade entre os livros *Novos poemas*, de Jorge de Lima e *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade, pois os dois são compostos de poemas.

17) (Unifesp-2002) Uma linha de coerência se esboça através dos zigue-zagues de sua vida. Ora espiritualista, ora marxista, criando um dia o Pau-Brasil, e logo buscando universalizá-lo em antropofagia, primitivo e civilizado a um tempo, como observou Manuel Bandeira, solapando o edifício burguês sem renunciar à habitação em seus andares mais altos, Oswald manteve sempre intata sua personalidade, de sorte a provocar, ainda em seus últimos dias, a irritação ou a mágoa que inspirava quando fauve modernista de 1922.

(Carlos Drummond de Andrade, Poesia e prosa.)

Na crônica de Carlos Drummond de Andrade, há uma referência ao movimento da Antropofagia, do qual participaram vários escritores modernistas. A alternativa que apresenta apenas poetas, artistas e intelectuais que participaram desse movimento antropófago, quaisquer que sejam suas fases, é:

- a) Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo e Jorge de Lima.
- b) Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Raul Bopp e Antonio de Alcântara Machado.
- c) Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Cecília Meireles e Murilo Mendes.
- d) Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Jorge de Lima.
- e) Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Alceu Amoroso Lima e Oswald de Andrade.

18) (UNIFESP-2005) Observe a figura.



A tela de Portinari - A criança morta - tematiza aspecto marcante da vida no sertão nordestino, freqüentemente castigado pelas secas, pela miséria e pela fome. Os escritores que se dedicaram também a esse tema foram

- a) Graciliano Ramos e José de Alencar.
- b) Hilda Hilst e Jorge Amado.
- c) Rachel de Queiroz e João Cabral de Melo Neto.
- d) José Lins do Rego e Carlos Drummond de Andrade.
- e) Guimarães Rosa e Cecília Meireles.

19) (Mack-1996) Não se encaixa na obra de qualquer autor da segunda geração da poesia modernista brasileira:

- a) "Da garrafa estilhaçada, no ladrilho já sereno,

escorre uma coisa espessa que é leite, sangue... não sei. Por entre objetos confusos, mal redimidos da noite, duas cores se procuram, suavemente se tocam, amorosamente se enlaçam, formando um terceiro tom a que chamamos aurora."

b) "Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro, nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo. Eu não tinha estas mãos sem força, tão paradas e frias e mortas; eu não tinha este coração que nem se mostra."

c) "E assim, quando mais tarde me procure Quem sabe a morte, angústia de quem vive, Quem sabe a solidão, fim de quem ama, Eu possa me dizer do amor (que tive): Que não seja imortal, posto que é chama, Mas que seja infinito enquanto dure."

d) "Eu sou o olhar que penetra nas camadas do mundo, ando debaixo da pele e sacudo os sonhos. Não desprezo nada que tenha visto, todas as coisas se gravam pra sempre na minha cachola. Toco nas flores, nas almas, nos sons, nos movimentos, destelho as casas penduradas na terra, tiro o cheiro dos corpos das meninas sonhando."

e) "Eu insulto o burguês-funesto!
O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!
Fora os que algarismam os amanhã!
Olha a vida dos nossos setembros!
Fará sol? Choverá? Arlequina!
Mas à chuva dos rosais
o êxtase fará sempre sol."

20) (Mack-1998) No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra.

O poema acima faz parte da obra de:

- a) Carlos Drummond de Andrade.

- b) Oswald de Andrade.
- c) Manuel Bandeira.
- d) Jorge de Lima.
- e) Murilo Mendes.

21) (UFV-2005) A partir da leitura do poema abaixo, assinale a afirmativa INCORRETA.

Havia a um canto da sala um álbum de fotografias intoleráveis,
alto de muitos metros e velho de infinitos minutos,
em que todos se debruçavam
na alegria de zombar dos mortos de sobrecasacas.
Um verme principiou roer as sobrecasacas indiferentes
e roeu as páginas, as dedicatórias e mesmo a poeira dos retratos.
Só não roeu o imortal soluço de vida que rebentava
que rebentava daquelas páginas.
("Os mortos de sobrecasaca")

- a) O poema desenvolve um sentimento sutil mas profundo sobre objetos que rodeiam o sujeito lírico.
- b) O "álbum de fotografias" pode ser entendido como um sinal de lirismo, pois remete às sensações íntimas do sujeito lírico.
- c) Não há qualquer traço de lirismo, pois não se trata de um poema de amor.
- d) O poema trata da experiência afetiva da memória, uma das marcas da poesia de Carlos Drummond de Andrade.
- e) O "verme" que rói as fotografias simboliza a passagem do tempo, que envelhece as coisas e as pessoas.

22) (UNIUBE-2002) "Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.

Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
Lia a história de Robinson Crusóé,
Comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala ___ e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
___ Psiu ... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro ... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóé."

A partir da leitura do poema "Infância", de Carlos Drummond de Andrade, assinale a afirmativa **INCORRETA**.

- A) O tratamento do tema da infância caracteriza-se pela emoção contida. O poeta recupera um tempo feliz, por meio de versos límpidos, serenos, discretos. Seu sentimento do mundo se manifesta na simplicidade de adjetivos como "gostoso", "bom" e "bonita", para que possa ser compartilhado pelo leitor comum.
- B) A imagem da negra servil no cotidiano da família tem um sentido crítico. Sua voz aguda, rotineira e cronológica, chamando para a refeição, ecoa como um grito de protesto. Seu gesto de revolta representa uma ameaça ao sistema patriarcal, cuja estabilidade é expressa na imagem da mãe que vela o sono do pequeno herdeiro.
- C) O menino poeta vivencia a liberdade na ausência física e espiritual de seus familiares. O espaço da ficção e do imaginário sobrepõe-se ao espaço real das mangueiras como lugar das aventuras infantis. Sua situação de isolamento no seio da família o aproxima do herói Robson Crusóé.
- D) A ordem familiar, marcada pela propriedade do pai, é recuperada pela memória afetiva numa perspectiva harmoniosa. O menino poeta insere-se, sem conflitos, no espaço íntimo e saudoso de sua origem rural, de que o café, como produto econômico e prática familiar, é um símbolo.

23) (Fatec-2007) Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao amanhecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo (1940)

Assinale a alternativa que apresenta o provérbio cujo significado se aproxima do tema dos versos
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

- a) Depois da tempestade vem a bonança.
- b) Uma andorinha só não faz verão.
- c) Deus ajuda quem cedo madruga.

- d) De grão em grão a galinha enche o papo.
e) A esperança é a última que morre.

24) (Cesgranrio-1997) Quando estou, quando estou apaixonado
tão fora de mim eu vivo
que nem sei se vivo ou morto
quando estou apaixonado.

Não pode a fera comigo
quando estou, quando estou apaixonado,
mas me derrota a formiga
se é que estou apaixonado.

Estarei, quem, e entende, apaixonado
neste arco de danação?
Ou é a morta paixão
que me deixa, que me deixa neste estado?

Carlos Drummond de Andrade

Assinale a opção em que se encontra exemplo de elipse.

- a) "tão fora de mim eu vivo" (v.2)
b) "que nem sei se vivo ou morto" (v.3)
c) "Não pode a fera comigo" (v.5)
d) "mas me derrota a formiga" (v.7)
e) "Ou é a morta paixão" (v.11)

25) (PUC-RJ-2001) Os textos 1 e 2 abaixo representam, respectivamente, dois dos mais significativos estilos de época da literatura brasileira: o Romantismo e o Modernismo. A partir desta constatação, responda aos itens abaixo:

Texto 1:

Já era tarde. Augusto amava deveras, e pela primeira vez em sua vida; e o amor, mais forte que seu espírito, exercia nele um poder absoluto e invencível. Ora, não há idéias mais livres que as do preso; e, pois, o nosso encarcerado estudante soltou as velas da barquinha de sua alma, que voou, atrevida, por esse mar imenso da imaginação; então começou a criar mil sublimes quadros e em todos eles lá aparecia a encantadora Moreninha, toda cheia de encantos e graças. Viu-a, com seu vestido branco, esperando-o em cima do rochedo, viu-a chorar, por ver que ele não chegava, e suas lágrimas queimavam-lhe o coração. (Joaquim Manuel de Macedo. *A Moreninha*. São Paulo: Ática, 1997, p. 125.)

Texto 2:

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém. João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história. (Carlos Drummond de Andrade. Reunião. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 19.)

a) Em ambos os textos, percebe-se a utilização de uma mesma temática, mas com tratamentos distintos. Explique, com suas próprias palavras, a concepção de amor presente nos textos de Joaquim Manuel de Macedo e de Carlos Drummond de Andrade.

b) Nota-se que a estrutura do poema "Quadrilha" é construída a partir de dois movimentos. Identifique-os indicando, para cada movimento, o verso inicial e o final.

26) (UERJ-2001) UM BOI VÊ OS HOMENS

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm e correm de um para outro lado, sempre esquecidos de alguma coisa. Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves, até sinistros. Coitados, dir-se-ia que não escutam nem o canto do ar nem os segredos do feno, como também parecem não enxergar o que é visível e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes e no rasto da tristeza chegam à crueldade. Toda a expressão deles mora nos olhos - e perde-se a um simples baixar de cílios, a uma sombra. Nada nos pêlos, nos extremos de inconcebível fragilidade, e como neles há pouca montanha, e que segura e que reentrâncias e que impossibilidade de se organizarem em formas calmas, permanentes e necessárias. Têm, talvez, certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem perdoar a agitação incômoda e o translúcido vazio interior que os torna tão pobres e carecidos de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme (que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam no campo como pedras aflitas e queimam a erva e a água, e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade. (ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.)

O poema de Drummond procura ver os seres humanos de um ponto de vista não-humano. Se fizermos uma correlação entre a construção deste texto e a própria

literatura, podemos perceber na literatura a capacidade fundamental de:

- a) espelhar a realidade do homem
- b) deslocar a perspectiva do leitor
- c) estabelecer uma negação do cotidiano
- d) promover a ratificação do senso comum

27) (UERJ-2001) UM BOI VÊ OS HOMENS

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm e correm de um para outro lado, sempre esquecidos de alguma coisa. Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves, até sinistros. Coitados, dir-se-ia que não escutam nem o canto do ar nem os segredos do feno, como também parecem não enxergar o que é visível e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes e no rasto da tristeza chegam à crueldade. Toda a expressão deles mora nos olhos - e perde-se a um simples baixar de cílios, a uma sombra. Nada nos pêlos, nos extremos de inconcebível fragilidade, e como neles há pouca montanha, e que secura e que reentrâncias e que impossibilidade de se organizarem em formas calmas, permanentes e necessárias. Têm, talvez, certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem perdoar a agitação incômoda e o translúcido vazio interior que os torna tão pobres e carecidos de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme (que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam no campo como pedras aflitas e queimam a erva e a água, e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade. (ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.)

O boi - o eu poético declarado no título - apresenta sua visão sobre os homens e a eles se refere como “coitados”, expressando uma atitude de superioridade que enfatiza, ao longo do texto, a fragilidade humana. O fragmento em que essa fragilidade dos homens está explicitamente demonstrada pelo eu poético é:

- a) “Ah, espantosamente graves, / até sinistros.” (v. 05 - 06)
- b) “E ficam tristes / e no rasto da tristeza chegam à crueldade.” (v. 09 - 10)
- c) “Têm, talvez, / certa graça melancólica” (v. 17 - 18)
- d) “o translúcido / vazio interior que os torna tão pobres” (v. 19 - 20)

28) (UERJ-2001) UM BOI VÊ OS HOMENS

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm

e correm de um para outro lado, sempre esquecidos de alguma coisa. Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres

e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves, até sinistros. Coitados, dir-se-ia que não escutam nem o canto do ar nem os segredos do feno, como também parecem não enxergar o que é visível e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes e no rasto da tristeza chegam à crueldade. Toda a expressão deles mora nos olhos - e perde-se a um simples baixar de cílios, a uma sombra. Nada nos pêlos, nos extremos de inconcebível fragilidade, e como neles há pouca montanha, e que secura e que reentrâncias e que impossibilidade de se organizarem em formas calmas, permanentes e necessárias. Têm, talvez, certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem perdoar a agitação incômoda e o translúcido vazio interior que os torna tão pobres e carecidos de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme (que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam no campo como pedras aflitas e queimam a erva e a água, e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade. (ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.)

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm / e correm de um para outro lado, ... (v. 01 - 02)

Pela leitura dos versos acima, pode-se afirmar que a repetição estilística do conectivo *e* assume o seguinte sentido na caracterização dos homens:

- a) revela uma gravidade pessoal
- b) enfatiza uma atitude obsessiva
- c) aponta uma inquietude interior
- d) insinua uma crueldade escondida

29) (UFF-2001) Mãos Dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p.68

Justifique, com frases completas, o título do poema *Mãos Dadas*.

30) (ENEM-2006) No poema Procura da poesia, Carlos Drummond de Andrade expressa a concepção estética de se fazer com palavras o que o escultor Michelangelo fazia com mármore. O fragmento abaixo exemplifica essa afirmação.

(...)

Penetra surdamente no reino das palavras.

Lá estão os poemas que esperam ser escritos.

(...)

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra

e te pergunta, sem interesse pela resposta,

pobre ou terrível, que lhe deres:

trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade. A rosa do povo.

Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 13-14.

Esse fragmento poético ilustra o seguinte tema constante entre autores modernistas:

a) a nostalgia do passado colonialista revisitado.

b) a preocupação com o engajamento político e social da literatura.

c) o trabalho quase artesanal com as palavras, despertando sentidos novos.

d) a produção de sentidos herméticos na busca da perfeição poética.

e) a contemplação da natureza brasileira na perspectiva ufanista da pátria.

31) (UEMG-2006) Assinale a alternativa correta:

O título "*FALA, AMENDOEIRA*", obra de Carlos Drummond de Andrade, sugere

a) uma atitude ecológica do autor, em protesto contra os desmatamentos urbanos.

b) uma reflexão acerca das lições que o homem pode receber da natureza.

c) uma crítica dirigida às autoridades do Rio de Janeiro, pelos desmandos administrativos.

d) uma louvação à primavera, pela sua beleza exuberante e sedutora.

32) (UEMG-2006) Aponte a alternativa em que **não** se relacionou **adequadamente** o título da crônica ao comentário de seu respectivo conteúdo.

a) Em **Ferriados**, o autor revela um sentimento de saudades dos antigos feriados, que eram aguardados e envolvidos "numa aura de prestígio e encantamento".

b) Em **Anúncio de João Alves**, o autor evoca um antigo anúncio de jornal para criticar os anúncios de hoje -

destituídos da precisão dos termos, da graça e da moderação no dizer as coisas.

c) Em **Garbo: novidades**, o cronista Drummond recria o mito de Greta Garbo, famosa atriz do cinema nos anos 50, contracenando com ela nas praias de Copacabana.

d) Em **Assembléia Baiana**, o autor, em tom de sátira e humorismo, conduz uma crítica à política, focalizando, principalmente, o conteúdo vazio e tedioso dos discursos parlamentares.

33) (UEMG-2006) Leia os seguintes fragmentos, extraídos de uma das crônicas que compõem a obra *FALA, AMENDOEIRA*, de Carlos Drummond de Andrade.

DIÁRIO

(dedicado ao atual e aos futuros prefeitos do Distrito Federal)

1941, *março*, 22. Mudamo-nos para o Posto 6. Casa grande, com vista para o mar e a montanha. Uma beleza.

Os garotos se emporcalharam no quintal, mas um bom chuveiro lhes restituiu o aspecto primitivo. Todos adoraram este primeiro dia em Copacabana.

(.....)

1942, *janeiro*, 10. Estão construindo um edifício em frente. Acabou a vista da montanha.

Julho, 4. Hóspedes em casa. Com água caindo dia sim dia não, sem força para subir, interditamos o banheiro de cima. Os meninos se esquecem, e tenho carregado baldes para remediar a situação. Que escada!

1943, *dezembro*, 25. O Diretor de Águas deu entrevista dizendo que água existe em abundância, mas a população é mais abundante ainda. "Todavia, dentro de seis meses a situação estará normalizada." Feliz Natal!

(.....)

1954, *5ª.-Feira Santa*. Um advogado assassinou um *public relations*, no edifício ao lado. Um acusava o outro de subornar o porteiro para obter mais água.

1955, *outubro*, 8. Votei em Ademar, que prometeu água em minha rua. Juscelino mora no

Posto 5, e não se apiedará de nós. E agora?

1956, *julho*, 7. Conselho de um engenheiro da Prefeitura, amigo de infância: "A solução, meu velho, é furar um poço no quintal. Não serve para beber, mas dá para a limpeza."

(...)

Assinale a alternativa correta:

A interpretação do fragmento acima **só NÃO** permite afirmar que

a) o cronista revela um sentimento de esperança em relação às eleições e aos candidatos a cargos públicos, no Distrito Federal.

b) o texto traz um tom de crítica e ironia ao desleixo das autoridades em relação aos problemas básicos de uma cidade - como é o caso do abastecimento de água.

c) a crônica deixa também entrever os problemas decorrentes da urbanização e do progresso na grande cidade, onde a condição humana é pressionada e agredida.

d) a cronologia estabelecida no “Diário” mostra que a ação do tempo não é capaz de modificar a rotina e a ineficácia do discurso político.

34) (Fatec-2007) Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao amanhecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.
Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo (1940)

Considerando o poema “Mãos dadas”, no conjunto da obra a que pertence (*Sentimento do mundo*), é correto afirmar que Carlos Drummond de Andrade

- recusa os princípios formais e temáticos do primeiro Modernismo.
- tematiza o lugar da poesia num momento histórico caracterizado por graves problemas mundiais.
- vale-se de temas que valorizam aspectos recalcados da cultura brasileira.
- alinha-se à poética que critica as técnicas do verso livre.
- relativiza sua adesão à poesia comprometida com os dilemas históricos, pois a arte deve priorizar o tema da união entre os homens.

35) (VUNESP-2007) Os velhos

Todos nasceram velhos – desconfio.
Em casas mais velhas que a velhice,
em ruas que existiram sempre – sempre!
assim como estão hoje
soturnas e paradas e indelévels
mesmo no desmoronar do Juízo Final.
Os mais velhos têm 100, 200 anos
e lá se perde a conta.
Os mais novos dos novos,
não menos de 50 – enorm’idade.
Nenhum olha para mim.
A velhice o proíbe. Quem autorizou
existirem meninos neste largo municipal?
Quem infringiu a lei da eternidade
que não permite recomeçar a vida?

Ignoram-me. Não sou. Tenho vontade
de ser também um velho desde sempre.
Assim conversarão
comigo sobre coisas
seladas em cofre de subentendidos
a conversa infindável
de monossílabos, resmungos,
tosse conclusiva.
Nem me vêem passar. Não me dão confiança.
Confiança! Confiança!
Dádiva impensável
nos semblantes fechados,
nas felpudas redingotes,
nos chapéus autoritários,
nas barbas de milênios.
Sigo, seco e só, atravessando
a floresta de velhos.
(Boitempo.)

Usando as rimas com parcimônia, rompendo com os padrões acadêmicos e ignorando os compêndios de metrificação, Carlos Drummond de Andrade consegue produzir uma poesia vigorosa, reconhecida na literatura brasileira. Refletindo sobre tais observações, identifique as características do poema *Os velhos*, quanto ao emprego de rimas e ao esquema métrico dos versos. A seguir, nomeie a figura de harmonia, ocorrente nos dois últimos versos do poema, explicando em que ela consiste.

36) (VUNESP-2007) Os velhos

Todos nasceram velhos – desconfio.
Em casas mais velhas que a velhice,
em ruas que existiram sempre – sempre!
assim como estão hoje
soturnas e paradas e indelévels
mesmo no desmoronar do Juízo Final.
Os mais velhos têm 100, 200 anos
e lá se perde a conta.
Os mais novos dos novos,
não menos de 50 – enorm’idade.
Nenhum olha para mim.
A velhice o proíbe. Quem autorizou
existirem meninos neste largo municipal?
Quem infringiu a lei da eternidade
que não permite recomeçar a vida?
Ignoram-me. Não sou. Tenho vontade
de ser também um velho desde sempre.
Assim conversarão
comigo sobre coisas
seladas em cofre de subentendidos
a conversa infindável
de monossílabos, resmungos,
tosse conclusiva.
Nem me vêem passar. Não me dão confiança.
Confiança! Confiança!

Dádiva impensável
nos semblantes fechados,
nas felpudas redingotes,
nos chapéus autoritários,
nas barbas de milênios.
Sigo, seco e só, atravessando
a floresta de velhos.
(Boitempo.)

No poema, o isolamento dos velhos leva o eu-poemático a pintar um quadro invertido, se considerada a habitual situação dos idosos, na realidade: não são eles os desprezados, os ignorados, os esquecidos, os abandonados – mas o menino, o não-velho. Com base nessa idéia, comente a solução cogitada pelo eu-poemático para entrar no mundo dos velhos.

37) (ITA-2002) Leia os seguintes textos, observando que eles descrevem o ambiente natural de acordo com a época a que correspondem, fazendo predominar os aspectos bucólico, cotidiano e irônico, respectivamente:

Texto 1

Marília de Dirceu

Enquanto pasta, alegre, o manso gado,
minha bela Marília, nos sentemos
À sombra deste cedro levantado.
Um pouco meditemos
Na regular beleza,
Que em tudo quanto vive nos descobre
A sábia Natureza.
Atende como aquela vaca preta
O novilhinho seu dos mais separa,
E o lambe, enquanto chupa a lisa teta.
Atende mais, ó cara,
Como a ruiva cadela
Suporta que lhe morda o filho o corpo,
E salte em cima dela.
(GONZAGA, Tomás Antônio. Marília de Dirceu. In: Proença Filho, Domício. Org. A poesia dos inconfidentes. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996, p. 605.)

Texto 2

Bucólica nostálgica

Ao entardecer no mato, a casa entre
bananeiras, pés de manjeriço e cravo santo,
aparece dourada. Dentro dela, agachados,
na porta da rua, sentados no fogão, ou aí mesmo,
rápidos como se fossem ao Êxodo, comem
feijão com arroz, taioba, ora-pro-nobis,
muitas vezes abóbora.
Depois, café na canequinha e pito.
O que um homem precisa pra falar,
entre enxada e sono: Louvado seja Deus!

(PRADO, Adélia. Poesia Reunida. 2ª- ed. São Paulo: Siciliano, 1992, p. 42.)

Texto 3

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras
Mulheres entre laranjeiras
Pomar amor cantar
Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus.
(ANDRADE, Carlos Drummond. Obra Completa. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967, p. 67.)

Assinale a alternativa referente aos respectivos momentos literários a que correspondem os três textos:

- a) Romântico, contemporâneo, modernista.
- b) Barroco, romântico, modernista.
- c) Romântico, modernista, contemporâneo.
- d) Árcade, contemporâneo, modernista.
- e) Árcade, romântico, contemporâneo.

38) (Fatec-1995) "Nasci numa tarde de julho, na pequena cidade onde havia uma cadeia, uma igreja e uma escola bem próximas umas das outras, e que se chamava Turmalinas. A cadeia era velha, descascada na parede dos fundos, Deus sabe como os presos lá dentro viviam e comiam, mas exercia sobre nós uma fascinação inelutável (era o lugar onde se fabricavam gaiolas, vassouras, flores de papel, bonecos de pau). A igreja também era velha, porém não tinha o mesmo prestígio. E a escola, nova de quatro ou cinco anos, era o lugar menos estimado de todos. Foi aí que nasci: Nasci na sala do terceiro ano, sendo professora D. Emerenciana Barbosa, que Deus tenha. Até então era analfabeto e desprezioso. Lembro-me: nesse dia de julho, o sol que descia da terra era bravo e parado. A aula era de geografia, e a professora traçava no quadro-negro nomes de países distantes. As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e de um rio, a Inglaterra não se enxergava bem no nevoeiro, um esquimó, um condor surgiam misteriosamente, trazendo países inteiros. Então nasci. De repente nasci, isto é, senti necessidade de escrever. Nunca pensara no que podia sair do papel e do lápis, a não ser bonecos sem pescoço, com cinco riscos representando as mãos. Nesse momento, porém, minha mão avançou para a carteira à procura de um objeto, achou-o, apertou-o irresistivelmente, escreveu alguma coisa parecida com a narração de uma viagem de Turmalinas ao Pólo Norte.

É talvez a mais curta narração no gênero. Dez linhas, inclusive o naufrágio e a visita ao vulcão. Eu escrevia com o rosto ardendo e a mão veloz tropeçando sobre complicações ortográficas, mas passava adiante. Isso

durou talvez um quarto de hora, e valeu-me a interpelação de D. Emerenciana:

- Juquita, quê que você está fazendo?

O rosto ficou mais quente, não respondi. Ela insistiu:

- Me dá esse papel aí... Me dá aqui. Eu relutava, mas seus olhos eram imperiosos."

(de Contos de aprendiz)

De acordo com o texto é correto afirmar:

a) segundo recorda o narrador, as aulas de geografia eram tão estimulantes que lhe permitiram ingressar na profissão de escritor.

b) na pequena cidade, a escola não atraía os meninos que, mesmo na terceira série, continuavam com sérios problemas de alfabetização.

c) como a instituição escolar era recente na pequena cidade, os meninos ainda não gostavam dela tanto quanto gostavam da cadeia.

d) para o narrador, a aula de geografia foi a ponte para unir conhecimentos escolares, experiências pessoais e imaginação.

e) a experiência escolar tomou possível a Juquita superar seu sentimento de inferioridade, quando aprendeu a escrever.

39) (Fatec-1995) "Nasci numa tarde de julho, na pequena cidade onde havia uma cadeia, uma igreja e uma escola bem próximas umas das outras, e que se chamava Turmalinas. A cadeia era velha, descascada na parede dos fundos, Deus sabe como os presos lá dentro viviam e comiam, mas exercia sobre nós uma fascinação inelutável (era o lugar onde se fabricavam gaiolas, vassouras, flores de papel, bonecos de pau). A igreja também era velha, porém não tinha o mesmo prestígio. E a escola, nova de quatro ou cinco anos, era o lugar menos estimado de todos. Foi aí que nasci: Nasci na sala do terceiro ano, sendo professora D. Emerenciana Barbosa, que Deus tenha. Até então era analfabeto e despretensioso. Lembro-me: nesse dia de julho, o sol que descia da terra era bravo e parado. A aula era de geografia, e a professora traçava no quadro-negro nomes de países distantes. As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e de um rio, a Inglaterra não se enxergava bem no nevoeiro, um esquimó, um condor surgiam misteriosamente, trazendo países inteiros. Então nasci. De repente nasci, isto é, senti necessidade de escrever. Nunca pensara no que podia sair do papel e do lápis, a não ser bonecos sem pescoço, com cinco riscos representando as mãos. Nesse momento, porém, minha mão avançou para a carteira à procura de um objeto, achou-o, apertou-o irresistivelmente, escreveu alguma coisa parecida com a narração de uma viagem de Turmalinas ao Pólo Norte.

É talvez a mais curta narração no gênero. Dez linhas, inclusive o naufrágio e a visita ao vulcão. Eu escrevia com o rosto ardendo e a mão veloz tropeçando sobre complicações ortográficas, mas passava adiante. Isso durou talvez um quarto de hora, e valeu-me a interpelação de D. Emerenciana:

- Juquita, quê que você está fazendo?

O rosto ficou mais quente, não respondi. Ela insistiu:

- Me dá esse papel aí... Me dá aqui. Eu relutava, mas seus olhos eram imperiosos."

(de Contos de aprendiz)

Com relação ao uso do verbo "nascer", é correto afirmar que:

a) Juquita nasceu em uma sala da escola, pois na cidadezinha não havia maternidade.

b) até o terceiro ano Juquita não tinha o menor interesse pela realidade que o cercava.

c) a frase "Então nasci" indica a importância daquele momento na vida do narrador.

d) no momento em que diz: "Então nasci", o narrador começa a compreender que o mundo ia além de sua cidadezinha.

e) ao dizer "Então nasci", o menino conseguiu libertar-se de uma fascinação inelutável.

40) (UFF-2001) Mãos Dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.

Também não cantarei o mundo futuro.

Estou preso à vida e olho meus companheiros.

Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.

Entre eles, considero a enorme realidade.

O presente é tão grande, não nos afastemos.

Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,

não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da

janela,

não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,

não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.

O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens

presentes,

a vida presente.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p.68

Toda noite - tem auroras,

Raios - toda a escuridão.

Moços, creiamos, não tarda

A aurora da redenção.

Castro Alves. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. p. 212

a) O fragmento de Castro Alves e o poema de Carlos Drummond de Andrade apresentam verbos no modo imperativo:

“ Moços, creiamos, não tarda” (v.3)

“ Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.” (v.7)

Justifique o emprego do imperativo, correlacionando as semelhanças temáticas entre os versos destacados.

b) Explique, com frases completas, que características da poesia socialmente engajada do Romantismo estão presentes no texto de Castro Alves e no de Carlos Drummond de Andrade.

41) (UFV-2005) Leia as passagens abaixo, extraídas de **Sentimento do Mundo**, de Carlos Drummond de Andrade:

I. Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
 (“Sentimento do mundo”)

II. Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói.
 (“Confidência do itabirano”)

III. Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.
Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto de me contar.
Por isso me dispo, por isso grito,
por isso freqüento os jornais, me exponho cruamente nas
livrarias
preciso de todos.
 (“Mundo grande”)

IV. Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum
exemplo.
Praticas laboriosamente os gestos universais,
sentes de calor e frio, falta dinheiro, fome e desejo sexual.
 (“Elegia 1938”)

V. Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da
janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
 (“Mãos dadas”)

Apesar do tom intimista e quase confessional da poesia de Carlos Drummond de Andrade, podemos encontrar alguns traços em que se desenvolve certa experiência histórica. Assinale a alternativa em que as três passagens ilustram a

vivência das transformações sociais e econômicas por parte do sujeito lírico.

a) I, III e IV.

b) I, III e V.

c) II, III e V.

d) II, III e IV.

e) I, II e IV.

42) (ENEM-2006)

A linguagem
na ponta da língua
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que quer dizer?
Professor Carlos Góis, ele e quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquemáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Ja esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a priminha.

O português são dois; o outro, mistério.

Carlos Drummond de Andrade. Esquecer para lembrar. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

Explorando a função emotiva da linguagem, o poeta expressa o contraste entre marcas de variação de usos da linguagem em

a) situações formais e informais.

b) diferentes regiões dos pais.

c) escolas literárias distintas.

d) textos técnicos e poéticos.

e) diferentes épocas.

43) (ENEM-2006)

A linguagem
na ponta da língua
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que quer dizer?
Professor Carlos Góis, ele e quem sabe,
e vai desmatando

o amazonas de minha ignorância.

Figuras de gramática, esquemáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Ja esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a priminha.

O português são dois; o outro, mistério.

Carlos Drummond de Andrade. Esquecer para lembrar. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

No poema, a referência a variedade padrão da língua esta expressa no seguinte trecho:

- a) "A linguagem / na ponta da língua" (v.1 e 2).
- b) "A linguagem / na superfície estrelada de letras" (v.5 e 6).
- c) "[a língua] em que pedia para ir lá fora" (v.14).
- d) "[a língua] em que levava e dava pontapé" (v.15).
- e) "[a língua] do namoro com a priminha" (v.17).

44) (ENEM-2006)

Esta manha acordo e
não a encontro.

Britada em bilhões de lascas
deslizando em correia transportadora
entupindo 150 vagões
no trem-monstro de 5 locomotivas
- trem maior do mundo, tomem nota -
foge minha serra, vai

deixando no meu corpo a paisagem
misero pó de ferro, e este não passa.
Carlos Drummond de Andrade. Antologia poética.
Rio de Janeiro: Record, 2000.

A situação poeticamente descrita acima sinaliza, do ponto de vista ambiental, para a necessidade de

- I manter-se rigoroso controle sobre os processos de instalação de novas mineradoras.
- II criarem-se estratégias para reduzir o impacto ambiental no ambiente degradado.
- III reaproveitarem-se materiais, reduzindo-se a necessidade de extração de minérios.

E correto o que se afirma

- a) apenas em I.
- b) apenas em II.
- c) apenas em I e II.
- d) apenas em II e III.
- e) em I, II e III.

45) (FUVEST-2007) Procura da Poesia

Não faças versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.

(...)

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.

(...)

Carlos Drummond de Andrade, A rosa do povo.

No contexto do livro, a afirmação do caráter verbal da poesia e a incitação a que se penetre "no reino das palavras", presentes no excerto, indicam que, para o poeta de A rosa do povo,

- a) praticar a arte pela arte é a maneira mais eficaz de se opor ao mundo capitalista.
- b) a procura da boa poesia começa pela estrita observância da variedade padrão da linguagem.
- c) fazer poesia é produzir enigmas verbais que não podem nem devem ser interpretados.
- d) as intenções sociais da poesia não a dispensam de ter em conta o que é próprio da linguagem.
- e) os poemas metalingüísticos, nos quais a poesia fala apenas de si mesma, são superiores aos poemas que falam também de outros assuntos.

46) (UFU-2006) Leia o texto abaixo.

"Poetas de camiseiro, chegou vossa hora,
poetas de elixir de inhamé e de tonofosfã,
chegou vossa hora, poetas do bonde e do rádio,
poetas jamais acadêmicos, último ouro do Brasil.
Em vão assassinaram a poesia nos livros,
em vão houve *putschs*, tropas de assalto, depurações.

Os sobreviventes aqui estão, poetas honrados
poetas diretos da Rua Larga.

(As outras ruas são muito estreitas, só nesta cabem a
poeira, o amor, e a Light.)"

DRUMMOND. *Sentimento do mundo*.

Tendo em vista a poesia acima, assinale a alternativa
INCORRETA.

- a) Paralelamente a temas líricos tradicionais, aparece no texto uma proposta de poetizar elementos até então não-poéticos, tais como produtos da modernização do início do século, como o bonde, a luz elétrica e o rádio.
- b) O eu-lírico pressupõe que a poesia assassinada pelos revolucionários poderá ser resgatada por um herói provinciano que virá do povo, apresentado como honrado e trabalhador, considerado "o último ouro do Brasil".
- c) A estrutura do poema demonstra o tema discutido: a libertação da poesia das regras tradicionais, por meio do uso de versos brancos e livres, e da enumeração caótica, como "poeira", "amor" e "Light".
- d) O texto pressupõe um exercício metalingüístico que questiona as regras da poesia tradicional, instaurando uma nova poética do cotidiano, mais livre e ampla, o que fica demonstrado claramente na metáfora "Rua Larga".

47) (UFSC-2006) TEXTO 5

A flor e a náusea

"Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.

Façam completo silêncio, paralise os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

[...]

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.”

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 28.

Quanto ao TEXTO 5, é CORRETO afirmar que:

01. Drummond afasta-se da poética modernista ao utilizar termos como “tédio”, “nojo” e “ódio”, expressões do cotidiano e em desacordo com o ideal estético da época.

02. em “É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto...” (verso 7), temos uma figura de linguagem denominada aliteração. Na utilização desse recurso, forma e conteúdo são aliados para construção de um significado.

04. em “É feia. Mas é uma flor”. (verso 7), a conjunção indica que ser flor é um elemento adicional ao fato de ser feia.

08. a exclamação no final do verso 1 encerra uma frase imperativa.

16. o nascimento da flor pode ser considerado uma metáfora para a possibilidade de existência de vida em condições adversas: “Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.” (verso 7).

48) (PUC - SP-2007) “Nova Canção do Exílio”

Um sabiá
na palmeira, longe.
Estas aves cantam
um outro canto.
O céu cintila
sobre flores úmidas.
Vozes na mata,
e o maior amor.
Só, na noite,
seria feliz:
um sabiá,
na palmeira, longe.
Onde é tudo belo
e fantástico,
só, na noite,
seria feliz.
(Um sabiá,
na palmeira, longe.)
Ainda um grito de vida e
voltar
para onde é tudo belo
e fantástico:
a palmeira, o sabiá,
o longe.

O poema acima integra a obra *Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade. Deste poema, como um todo, é **incorreto** afirmar que

- a) é uma variação do tema da terra natal, espécie de atualização moderna de uma idealização romântica da pátria.
- b) estabelece uma relação intertextual com a “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, e se mostra como uma espécie de paráfrase.
- c) evidencia que o poeta se apropriou indevidamente do poema de Gonçalves Dias e manteve os esquemas de métrica e de rima do texto original.
- d) traduz na palavra “longe”, o significado do “lá”, lugar do ideal distante, caracterizador de visão de uma pátria idealizada.
- e) utiliza a imagem do sabiá e da palmeira para sugerir um espaço “onde tudo é belo e fantástico” e, afastado do qual, o poeta se sente em exílio.

49) (Fatec-2007) Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao amanhecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.
Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*
(1940)

Considere as seguintes afirmações sobre o texto.

- I. Trata-se de um poema em que o eu lírico afirma seu desejo de que a poesia possa reconstruir aquilo que, tendo sido destruído no passado, permanece atual em sua memória.
- II. O poeta manifesta a confiança de que sua nova poesia poderá superar os problemas pessoais que quase o levaram ao suicídio e o fizeram desejar isolar-se.
- III. O poeta convoca outros poetas para que, juntos, possam se libertar das velhas convenções que prejudicam a poesia moderna.
- IV. Os versos da 1ª estrofe indicam o anseio do eu lírico de que sua poesia se aproxime dos homens e ajude a transformar a vida presente.
- V. Na 2ª estrofe, o eu lírico nega que a poesia desse momento histórico deva tratar de temas sentimentais ou amorosos.
São corretas apenas as afirmações

- a) I, II e III.
- b) I e IV.
- c) II e III.
- d) III e IV.
- e) IV e V.

50) (VUNESP-2007) Os velhos

Todos nasceram velhos – desconfo.
Em casas mais velhas que a velhice,
em ruas que existiram sempre – sempre!
assim como estão hoje
soturnas e paradas e indelévels
mesmo no desmoronar do Juízo Final.
Os mais velhos têm 100, 200 anos
e lá se perde a conta.
Os mais novos dos novos,
não menos de 50 – enorm’idade.
Nenhum olha para mim.
A velhice o proíbe. Quem autorizou
existirem meninos neste largo municipal?
Quem infringiu a lei da eternidade
que não permite recomeçar a vida?
Ignoram-me. Não sou. Tenho vontade
de ser também um velho desde sempre.
Assim conversarão
comigo sobre coisas
seladas em cofre de subentendidos
a conversa infundável
de monossílabos, resmungos,
tosse conclusiva.
Nem me vêem passar. Não me dão confiança.
Confiança! Confiança!
Dádiva impensável
nos semblantes fechados,
nas felpudas redingotes,
nos chapéus autoritários,
nas barbas de milênios.
Sigo, seco e só, atravessando
a floresta de velhos.
(Boitempo.)

Atendo-se à linguagem do poema, compare-o com o texto de Stanislaw Ponte Preta, que foi a base para as questões de números 04 a 07, e explicita que valor pode ser atribuído ao termo lá, presente no oitavo verso de Os velhos. Comente, também, qual é a diferença entre esse termo e o advérbio lá, do sexto parágrafo de A velha contrabandista.

51) (Fuvest-2001) POLÍTICA LITERÁRIA

O poeta municipal
discute com o poeta estadual
qual deles é capaz de bater o poeta federal.
Enquanto isso o poeta federal

tira ouro do nariz.
(Carlos Drummond de Andrade. *Alguma poesia*)

ANEDOTA BÚLGARA

Era uma vez um czar naturalista
que caçava homens.
Quando lhe disseram que também se caçam borboletas e
andorinhas,
ficou muito espantado
e achou uma barbaridade.

(Carlos Drummond de Andrade. *Alguma poesia*)

Costuma-se reconhecer que estes poemas, pertencentes
ao Modernismo, apresentam aspectos característicos do
“poema-piada”, modalidade bastante praticada nesse
período literário.

a) Identifique um recurso de estilo tipicamente modernista
que esteja presente em ambos os poemas. Explique-o
sucintamente.

b) Considere a seguinte afirmação:

O poema-piada visa a um humorismo instantâneo e, por
isso, esgota-se em si mesmo, não indo além desse objetivo
imediatos.

A afirmação aplica-se aos poemas aqui reproduzidos?
Justifique brevemente sua resposta.

52) (Fatec-1995) "Nasci numa tarde de julho, na pequena
cidade onde havia uma cadeia, uma igreja e uma escola
bem próximas umas das outras, e que se chamava
Turmalinas. A cadeia era velha, descascada na parede dos
fundos, Deus sabe como os presos lá dentro viviam e
comiam, mas exercia sobre nós uma fascinação inelutável
(era o lugar onde se fabricavam gaiolas, vassouras, flores
de papel, bonecos de pau). A igreja também era velha,
porém não tinha o mesmo prestígio. E a escola, nova de
quatro ou cinco anos, era o lugar menos estimado de
todos. Foi aí que nasci: Nasci na sala do terceiro ano, sendo
professora D. Emerenciana Barbosa, que Deus tenha. Até
então era analfabeto e desprezioso. Lembro-me: nesse
dia de julho, o sol que descia da terra era bravo e parado.
A aula era de geografia, e a professora traçava no quadro-
negro nomes de países distantes. As cidades vinham
surgindo na ponte dos nomes, e Paris era uma torre ao
lado de uma ponte e de um rio, a Inglaterra não se
enxergava bem no nevoeiro, um esquimó, um condor
surgiam misteriosamente, trazendo países inteiros. Então
nasci. De repente nasci, isto é, senti necessidade de
escrever. Nunca pensara no que podia sair do papel e do
lápiz, a não ser bonecos sem pescoço, com cinco riscos
representando as mãos. Nesse momento, porém, minha
mão avançou para a carteira à procura de um objeto,
achou-o, apertou-o irresistivelmente, escreveu alguma
coisa parecida com a narração de uma viagem de
Turmalinas ao Pólo Norte.

É talvez a mais curta narração no gênero. Dez linhas,
inclusive o naufrágio e a visita ao vulcão. Eu escrevia com o
rosto ardendo e a mão veloz tropeçando sobre

complicações ortográficas, mas passava adiante. Isso durou talvez um quarto de hora, e valeu-me a interpelação de D. Emerenciana:

- Juquita, quê que você está fazendo?
O rosto ficou mais quente, não respondi. Ela insistiu:
- Me dá esse papel aí... Me dá aqui. Eu relutava, mas seus óculos eram imperiosos."

(de Contos de aprendiz)

Com relação ao surgimento do escritor no menino é correto afirmar que:

- narrar possibilitou que Juquita ultrapassasse os limites das vivências possíveis na pequena cidade.
- narrar permitiu a Juquita satisfazer sua necessidade de descrever o meio em que vivia.
- a escrita imaginativa substituiu em Juquita uma vocação frustrada para o desenho.
- a escrita despertou a imaginação de Juquita, tolhida pelo autoritarismo da escola, cadeia e igreja.
- narrar permitiu que o menino, fascinado pela cadeia, desenvolvesse seu interesse pelo lado proibido da vida.

53) (UFSCar-2002) Texto 1

Até o fim

(Chico Buarque)

Quando eu nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu tava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim.

Texto 2

Poema de Sete Faces

(Carlos Drummond de Andrade)

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.
(...)

O anjo é um elemento comum aos dois textos.

- De que forma são tratados os anjos nos textos?
- Nos versos de Chico Buarque, o querubim "decretou"; nos de Drummond, o anjo "disse". Qual a diferença desses verbos na caracterização do querubim e do anjo?

54) (Mack-2005) Construção

Um grito pula no ar como foguete.

Vem da paisagem de barro úmido, calça e andaimes hirtos.

O sol cai sobre as coisas em placa fervendo.

O sorveteiro corta a rua.

E o vento brinca nos bigodes do construtor.

Carlos Drummond de Andrade

Obs.: calça = resíduo de cal ou argamassa ressequida
andaime = estrado provisório de tábuas, sustentado por armação de madeira ou metálica, sobre o qual os operários trabalham nas construções
hirtos = completamente imóvel, estacado

Assinale a afirmativa que caracteriza adequadamente o estilo do poema.

- Poesia em que os neologismos, depois de anos de ranço purista, entram no texto como um grito de moleque paulistano.
- Poesia de quem um dia se autodenominou "poeta menor", reconhecendo em sua arte a atitude intimista dos "crepusculares" do começo do século.
- Poesia esquelética, em que as metáforas não são simples ornamentos, mas expressões insubstituíveis na configuração poética.
- Poesia concreta, com uso construtivo dos espaços brancos e desprezo ao verso.
- Poesia de vertente intimista, que toca os limites da música e tem o tom de fuga e de sonho.

55) (UEPB-2006) Considere as afirmações de três críticos literários brasileiros a respeito da poesia de Carlos Drummond de Andrade, de João Cabral de Melo Neto e do Concretismo:

I. Partindo-se do dado histórico de que foi *No meio do caminho* da renovação da poesia brasileira que a obra de Drummond começou a aparecer como portadora de uma lição poética mais sólida, embora, inicialmente, na direção nacionalista de seus contemporâneos, é possível ver o conjunto de sua obra através de duas atitudes estilísticas. Na verdade, são atitudes complementares, dois estágios que se prolongam: da objetividade e da preocupação social. O poeta é realmente objetivo, mas no sentido de que se encontra mais próximo das coisas. A exibição de termos e construções do português brasileiro vai-se diluindo à medida que se aproxima de 1945, quando começam a predominar a contenção expressiva e a experiência técnica, quase desconhecida dos primeiros livros. Realmente, é com *Sentimento do mundo* e principalmente com *A rosa do povo* que os grandes temas sociais e populares atingem os mais altos arremessos da poesia social no Brasil, desde Castro Alves (Gilberto Mendonça Teles).

II. É com *O engenheiro* (1945) e *Psicologia da composição* (1947) que o poeta atinge a maturidade criativa. João Cabral passará a se distinguir pelo combate sistemático ao sentimentalismo e ao irracionalismo em poesia, através de um processo de desmistificação dos mitos que a cercam. Ao mesmo tempo que desaliena a poesia, exibindo-lhe as entranhas, João Cabral procede a uma auto-análise da composição poética, chegando a dissociar a imagem física da palavra, do seu conceito. Além

disso, o poeta-engenheiro fraciona os versos com uma técnica precisa de cortes que lhes confere uma estrutura, por assim dizer, arquitetônica, funcional. Não há, entretanto, em João Cabral, uma recusa ao “humano”; há, isto sim, uma recusa do poeta a se deixar transformar em brinquedo de sentimentalismos epidérmicos e a busca do verdadeiramente humano na linguagem, tomada em si mesma, como fonte de apreensão sensível da realidade (Augusto de Campos).

III. A poesia concreta, ou Concretismo, impôs-se, a partir de 1956, como a expressão mais viva e atuante de nossa vanguarda estética. No contexto da poesia brasileira, o Concretismo afirmou-se como antítese à vertente intimista e estetizante dos anos 40 e repropôs temas, formas e, não raro, atitudes peculiares ao Modernismo de 22 em sua fase mais polêmica e mais aderente às vanguardas européias. Os poetas concretos entenderam levar às últimas conseqüências certos processos estruturais que marcaram o futurismo (italiano e russo), o dadaísmo e, em parte, o surrealismo. São processos que visam explorar as camadas materiais do significante. A poesia concreta quer-se abertamente antiexpressionista. Em termos mais genéricos: o Concretismo toma a sério, e de modo radical, a definição de arte como *techné*, isto é, como atividade produtora (Alfredo Bosi).

Assinale a alternativa correta

- a) Apenas II e III estão corretas
- b) Apenas I e II estão corretas
- c) Todas as afirmações são corretas
- d) Apenas III está correta
- e) Nenhuma afirmação está correta

56) (FUVEST-2007) A flor e a náusea

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.

Melancolias, mercadorias espreitam-me.

Devo seguir até o enjôo?

Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:

Não, o tempo não chegou de completa justiça.

O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.

O tempo pobre, o poeta pobre

fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.

Sob a pele das palavras há cifras e códigos.

(...)

Carlos Drummond de Andrade, A rosa do povo.

- a) Em A rosa do povo, o poeta se declara anticapitalista. Nos três primeiros versos do excerto, esse anticapitalismo se manifesta? Justifique sucintamente sua resposta.
- b) De acordo com os dois últimos versos do excerto, como se manifesta, no campo da linguagem, o impasse de que fala o poeta? Explique resumidamente.

57) (UNICAMP-2007) O poema abaixo pertence ao livro A rosa do povo (1945):

Cidade prevista

Irmãos, cantai esse mundo
que não verei, mas virá
um dia, dentro em mil anos,
talvez mais... não tenho pressa.

Um mundo enfim ordenado,
uma pátria sem fronteiras,
sem leis e regulamentos,
uma terra sem bandeiras,
sem igrejas nem quartéis,
sem dor, sem febre, sem ouro,
um jeito só de viver,
mas nesse jeito a variedade,
a multiplicidade toda
que há dentro de cada um.
Uma cidade sem portas,
de casas sem armadilha,
um país de riso e glória
como nunca houve nenhum.

Este país não é meu
nem vosso ainda, poetas.

Mas ele será um dia
o país de todo homem.

(Carlos Drummond de Andrade, A rosa do povo, em Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p.158-159.)

- a) A quem se dirige o eu lírico e com que finalidade?
- b) A que “cidade” se refere o título do poema e como ela é representada?
- c) Que características centrais de A Rosa do Povo se encontram nesse poema?

58) (PUC - RJ-2007) Texto 3

O peru de Natal

O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida cinco meses antes, foi de conseqüências decisivas para a felicidade familiar. Nós sempre fôramos familiarmente felizes, nesse sentido muito abstrato da felicidade: gente honesta, sem crimes, lar sem brigas internas nem graves dificuldades econômicas. Mas, devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, de uma exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fora de um bom errado, quase dramático, o puro-sangue dos desmanchaprizes.

Morreu meu pai, sentimos muito, etc. Quando chegamos nas proximidades do Natal, eu já estava que não podia mais pra afastar aquela memória obstruente do morto, que parecia ter sistematizado pra sempre a obrigação de

uma lembrança dolorosa em cada almoço, em cada gesto mínimo da família. Uma vez que eu sugerira à mamãe a idéia dela ir ver uma fita no cinema, o que resultou foram lágrimas. Onde se viu ir ao cinema, de luto pesado! A dor já estava sendo cultivada pelas

aparências, e eu, que sempre gostara apenas regularmente de meu pai, mais por instinto de filho que por espontaneidade de amor, me via a ponto de aborrecer o bom do morto. Foi decerto por isto que me nasceu, esta sim, espontaneamente, a idéia de fazer uma das minhas chamadas “loucuras”. Essa fora aliás, e desde muito cedo, a minha esplêndida conquista contra o ambiente familiar. Desde cedinho, desde os tempos de ginásio, em que arranjava regularmente uma reprovação todos os anos; desde o beijo às escondidas, numa prima, aos dez anos, descoberto por Tia Velha, uma detestável de tia; e principalmente desde as lições que dei ou recebi, não sei, de uma criada de parentes: eu consegui, no reformatório do lar e na vasta parentagem, a fama conciliatória de “louco”. “É doido, coitado!” falavam. Meus pais falavam com certa tristeza condescendente, o resto da parentagem buscando exemplo para os filhos e provavelmente com aquele prazer dos que se convencem de alguma superioridade. Não tinham doidos entre os filhos. Pois foi o que me salvou, essa fama. Fiz tudo o que a vida me apresentou e o meu ser exigia para se realizar com integridade. E me deixaram fazer tudo, porque eu era doido, coitado. Resultou disso uma existência sem complexos, de que não posso me queixar um nada. ANDRADE, Mário de. Contos novos. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993, pp. 75-6.

Texto 4

Família

Três meninos e duas meninas,
sendo uma ainda de colo.
A cozinheira preta, a copeira mulata,
o papagaio, o gato, o cachorro,
as galinhas gordas no palmo de horta
e a mulher que trata de tudo.
A espreguiçadeira, a cama, a gangorra,
o cigarro, o trabalho, a reza,
a goiabada na sobremesa de domingo,
o palito nos dentes contentes,
o gramofone rouco toda noite
e a mulher que trata de tudo.
O agiota, o leiteiro, o turco,
o médico uma vez por mês,
o bilhete todas as semanas
branco! mas a esperança sempre verde.
A mulher que trata de tudo
e a felicidade.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento do mundo. Rio de Janeiro: Record, 1999, p.58.

a) O poema de Carlos Drummond de Andrade, publicado em seu livro de estréia, em 1930, apresenta aspectos que ainda mantêm uma relação direta com a primeira fase do Modernismo. Cite duas características do texto que reafirmam valores e procedimentos do projeto modernista brasileiro.

b) A vida familiar, tema dos Textos 3 e 4, é tratada pelos autores, apesar de alguns pontos em comum, de maneira diversa, principalmente em relação aos papéis masculino e feminino. Determine as diferenças entre ambos, tomando como referência as figuras do pai e da mãe.

59) (UFSCar-2002) Texto 1

Até o fim
(Chico Buarque)

Quando eu nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu tava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim.

Texto 2

Poema de Sete Faces
(Carlos Drummond de Andrade)

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.
(...)

Os dois textos não só se assemelham com relação ao tema de que tratam, como também à estruturação.

- Que tema é desenvolvido em ambos os textos ?
- Qual a semelhança na estrutura entre eles? Dê um exemplo.

60) (UFPB-2006) Romanceiro da Inconfidência

Romance LIII ou Das palavras aéreas

1 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

8 Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!

10 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!

Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...

18 A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...

26 Detrás de grossas paredes,
de leve, quem vos desfolha?
Pareceis de ténue seda,
sem peso de ação nem de hora...
- e estais no bico das penas,
- e estais na tinta que as molha,
- e estais nas mãos dos juizes,
- e sois o ferro que arrocha,
- e sois barco para o exílio,
- e sois Moçambique e Angola!

36 Ai, palavras, ai, palavras,
íeis pela estrada afora,
erguendo asas muito incertas,
entre verdade e galhofa,
desejos do tempo inquieto,
promessas que o mundo sopra...

42 Ai, palavras, ai, palavras,
mirai-vos: que sois, agora?

44 - Acusações, sentinelas,
bacamarte, algema, escolta;
- o olho ardente da perfídia,
a velar, na noite morta;
- a umidade dos presídios,
- a solidão pavorosa;
- duro ferro de perguntas,
com sangue em cada resposta;
- e a sentença que caminha,
- e a esperança que não volta,
- e o coração que vacila,
- e o castigo que galopa...

56 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Perdão podíeis ter sido!
- sois madeira que se corta,
- sois vinte degraus de escada,
- sois um pedaço de corda...
- sois povo pelas janelas,
cortejo, bandeiras, tropa...

64 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Éreis um sopro na aragem...
- sois um homem que se enforca!
(MEIRELES, Cecília. **Os melhores poemas de Cecília Meireles** /seleção Maria Fernanda. 11. ed. São Paulo: Global, 1999, p. 143-146).

GLOSSÁRIO:

quedar: ficar, deter-se, conservar-se.

retorta: vaso de vidro ou de louça com o gargalo recurvo, voltado para baixo e apropriado para operações químicas.

ténue: delgado, fino.

galhofa: gracejo, risada.

bacamarte: arma de fogo.

perfidia: deslealdade, traição.

aragem: vento brando, brisa.

A leitura do poema sugere que as **palavras**, por serem aéreas,

- a) retornam, sempre, com o vento.
- b) não mudam jamais.
- c) perdem a sua potência.
- d) transformam-se ao sabor do vento.
- e) nunca chegam ao seu destino.

61) (UFPB-2006) Romanceiro da Inconfidência

Romance LIII ou Das palavras aéreas

1 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

8 Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!

10 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...

18 A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:

frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...

26 Detrás de grossas paredes,
de leve, quem vos desfolha?
Pareceis de tênue seda,
sem peso de ação nem de hora...
- e estais no bico das penas,
- e estais na tinta que as molha,
- e estais nas mãos dos juízes,
- e sois o ferro que arrocha,
- e sois barco para o exílio,
- e sois Moçambique e Angola!

36 Ai, palavras, ai, palavras,
íeis pela estrada afora,
erguendo asas muito incertas,
entre verdade e galhofa,
desejos do tempo inquieto,
promessas que o mundo sopra...

42 Ai, palavras, ai, palavras,
mirai-vos: que sois, agora?

44 - Acusações, sentinelas,
bacamarte, algema, escolta;
- o olho ardente da perfídia,
a velar, na noite morta;
- a umidade dos presídios,
- a solidão pavorosa;
- duro ferro de perguntas,
com sangue em cada resposta;
- e a sentença que caminha,
- e a esperança que não volta,
- e o coração que vacila,
- e o castigo que galopa...

56 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Perdão podíeis ter sido!
- sois madeira que se corta,
- sois vinte degraus de escada,
- sois um pedaço de corda...
- sois povo pelas janelas,
cortejo, bandeiras, tropa...

64 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Éreis um sopro na aragem...
- sois um homem que se enforca!
(MEIRELES, Cecília. **Os melhores poemas de Cecília Meireles** /seleção Maria Fernanda. 11. ed. São Paulo: Global, 1999, p. 143-146).

GLOSSÁRIO:

quedar: ficar, deter-se, conservar-se.

retorta: vaso de vidro ou de louça com o gargalo recurvo, voltado para baixo e apropriado para operações químicas.

tênue: delgado, fino.

galhofa: gracejo, risada.

bacamarte: arma de fogo.

perfídia: deslealdade, traição.

aragem: vento brando, brisa.

Leia os versos 50 e 51 a seguir:

“- duro ferro de perguntas,
com sangue em cada resposta;”

Esses versos fazem referência, especificamente, à (ao)

- a) perseguição aos revoltosos.
- b) tortura dos réus.
- c) cerceamento da liberdade.
- d) atitude de rebelião.
- e) isolamento dos condenados.

62) (UFPB-2006) Romanceiro da Inconfidência

Romance LIII ou Das palavras aéreas

1 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

8 Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!

10 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...

18 A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...

26 Detrás de grossas paredes,

de leve, quem vos desfolha?
 Pareceis de tênue seda,
 sem peso de ação nem de hora...
 - e estais no bico das penas,
 - e estais na tinta que as molha,
 - e estais nas mãos dos juízes,
 - e sois o ferro que arrocha,
 - e sois barco para o exílio,
 - e sois Moçambique e Angola!

36 Ai, palavras, ai, palavras,
 íeis pela estrada afora,
 erguendo asas muito incertas,
 entre verdade e galhofa,
 desejos do tempo inquieto,
 promessas que o mundo sopra...

42 Ai, palavras, ai, palavras,
 mirai-vos: que sois, agora?

44 - Acusações, sentinelas,
 bacamarte, algema, escolta;
 - o olho ardente da perfídia,
 a velar, na noite morta;
 - a umidade dos presídios,
 - a solidão pavorosa;
 - duro ferro de perguntas,
 com sangue em cada resposta;
 - e a sentença que caminha,
 - e a esperança que não volta,
 - e o coração que vacila,
 - e o castigo que galopa...

56 Ai, palavras, ai, palavras,
 que estranha potência, a vossa!
 Perdão podíeis ter sido!
 - sois madeira que se corta,
 - sois vinte degraus de escada,
 - sois um pedaço de corda...
 - sois povo pelas janelas,
 cortejo, bandeiras, tropa...

64 Ai, palavras, ai, palavras,
 que estranha potência, a vossa!
 Éreis um sopro na aragem...
 - sois um homem que se enforca!
 (MEIRELES, Cecília. **Os melhores poemas de Cecília Meireles** /seleção Maria Fernanda. 11. ed. São Paulo: Global, 1999, p. 143-146).

GLOSSÁRIO:

quedar: ficar, deter-se, conservar-se.

retorta: vaso de vidro ou de louça com o gargalo recurvo, voltado para baixo e apropriado para operações químicas.

tênue: delgado, fino.

galhofa: gracejo, risada.

bacamarte: arma de fogo.

perfidia: deslealdade, traição.

aragem: vento brando, brisa.

Há oposição de sentido (antítese) entre as idéias expressas nos versos da alternativa:

- a) "sois de vento, ides no vento, (verso 4)
no vento que não retorna," (verso 5)
- b) "E dos venenos humanos (verso 20)
sois a mais fina retorta:" (verso 21)
- c) "frágil, frágil como o vidro (verso 22)
e mais que o aço poderosa!" (verso 23)
- d) "Pareceis de tênue seda, (verso 28)
sem peso de ação nem de hora..." (verso 29)
- e) "- e sois barco para o exílio, (verso 34)
- e sois Moçambique e Angola!" (verso 35)

63) (UFPB-2006) Romanceiro da Inconfidência

Romance LIII ou Das palavras aéreas

1 Ai, palavras, ai, palavras,
 que estranha potência, a vossa!
 Ai, palavras, ai, palavras,
 sois de vento, ides no vento,
 no vento que não retorna,
 e, em tão rápida existência,
 tudo se forma e transforma!

8 Sois de vento, ides no vento,
 e quedais, com sorte nova!

10 Ai, palavras, ai, palavras,
 que estranha potência, a vossa!
 Todo o sentido da vida
 principia à vossa porta;
 o mel do amor cristaliza
 seu perfume em vossa rosa;
 sois o sonho e sois a audácia,
 calúnia, fúria, derrota...

18 A liberdade das almas,
 ai! com letras se elabora...
 E dos venenos humanos
 sois a mais fina retorta:
 frágil, frágil como o vidro
 e mais que o aço poderosa!
 Reis, impérios, povos, tempos,
 pelo vosso impulso rodam...

26 Detrás de grossas paredes,
 de leve, quem vos desfolha?
 Pareceis de tênue seda,
 sem peso de ação nem de hora...
 - e estais no bico das penas,
 - e estais na tinta que as molha,

- e estais nas mãos dos juízes,
- e sois o ferro que arrocha,
- e sois barco para o exílio,
- e sois Moçambique e Angola!

36 Ai, palavras, ai, palavras,
íeis pela estrada afora,
erguendo asas muito incertas,
entre verdade e galhofa,
desejos do tempo inquieto,
promessas que o mundo sopra...

42 Ai, palavras, ai, palavras,
mirai-vos: que sois, agora?

44 - Acusações, sentinelas,
bacamarte, algema, escolta;
- o olho ardente da perfídia,
a velar, na noite morta;
- a umidade dos presídios,
- a solidão pavorosa;
- duro ferro de perguntas,
com sangue em cada resposta;
- e a sentença que caminha,
- e a esperança que não volta,
- e o coração que vacila,
- e o castigo que galopa...

56 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Perdão podíeis ter sido!
- sois madeira que se corta,
- sois vinte degraus de escada,
- sois um pedaço de corda...
- sois povo pelas janelas,
cortejo, bandeiras, tropa...

64 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Éreis um sopro na aragem...
- sois um homem que se enforca!
(MEIRELES, Cecília. **Os melhores poemas de Cecília Meireles** /seleção Maria Fernanda. 11. ed. São Paulo: Global, 1999, p. 143-146).

GLOSSÁRIO:

quedar: ficar, deter-se, conservar-se.

retorta: vaso de vidro ou de louça com o gargalo recurvo, voltado para baixo e apropriado para operações químicas.

tênue: delgado, fino.

galhofa: gracejo, risada.

bacamarte: arma de fogo.

perfidia: deslealdade, traição.

aragem: vento brando, brisa.

Leia os versos:

2) “ **que** estranha potência, a vossa!” (verso 2)
“- e estais na tinta **que** as molha,” (verso 31)
“- e a esperança **que** não volta,” (verso 53)

A palavra em destaque (**que**) funciona como elemento de

- I. intensidade no verso 2.
- II. coesão textual somente no verso 31.
- III. coesão textual nos versos 31 e 53.

Está(ão) correta(s) apenas:

- a) I
- b) II
- c) III
- d) I e II
- e) I e III

64) (UFPB-2006) Romanceiro da Inconfidência

Romance LIII ou Das palavras aéreas

1 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

8 Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!

10 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...

18 A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...

26 Detrás de grossas paredes,
de leve, quem vos desfolha?
Pareceis de tênue seda,
sem peso de ação nem de hora...
- e estais no bico das penas,

- e estais na tinta que as molha,
- e estais nas mãos dos juizes,
- e sois o ferro que arrocha,
- e sois barco para o exílio,
- e sois Moçambique e Angola!

36 Ai, palavras, ai, palavras,
íeis pela estrada afora,
erguendo asas muito incertas,
entre verdade e galhofa,
desejos do tempo inquieto,
promessas que o mundo sopra...

42 Ai, palavras, ai, palavras,
mirai-vos: que sois, agora?

- 44 - Acusações, sentinelas,
bacamarte, algema, escolta;
- o olho ardente da perfídia,
a velar, na noite morta;
- a umidade dos presídios,
- a solidão pavorosa;
- duro ferro de perguntas,
com sangue em cada resposta;
- e a sentença que caminha,
- e a esperança que não volta,
- e o coração que vacila,
- e o castigo que galopa...

56 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Perdão podíeis ter sido!
- sois madeira que se corta,
- sois vinte degraus de escada,
- sois um pedaço de corda...
- sois povo pelas janelas,
cortejo, bandeiras, tropa...

64 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Éreis um sopro na aragem...
- sois um homem que se enforca!
(MEIRELES, Cecília. **Os melhores poemas de Cecília Meireles** /seleção Maria Fernanda. 11. ed. São Paulo: Global, 1999, p. 143-146).

GLOSSÁRIO:

quedar: ficar, deter-se, conservar-se.

retorta: vaso de vidro ou de louça com o gargalo recurvo, voltado para baixo e apropriado para operações químicas.

tênuê: delgado, fino.

galhofa: gracejo, risada.

bacamarte: arma de fogo.

perfidia: deslealdade, traição.

aragem: vento brando, brisa.

A expressão “**Ai, palavras**”, na última estrofe do poema, sugere

- a alegria do eu-lírico diante da condição aérea das palavras.
- a admiração do eu-lírico pela rápida existência das palavras.
- o lamento do eu-lírico diante do estranho poder de transformação das palavras.

Está(ão) correta(s) apenas:

- I
- II
- III
- I e II
- I e III

65) (UFSCar-2002) O grande clandestino

(Aníbal Machado)

Eu me distraio muito com a passagem do tempo.
Chego às vezes a dormir. O tempo então aproveita e
[passa escondido.

Mas com que velocidade!

Basta ver o estado das coisas depois que desperto:
[quase todas fora do lugar, ou desaparecidas; outras
[com uma prole imensa;

O que é preciso é nunca dormir, e ficar vigilante, para
[obrigá-lo ao menos a disfarçar a evidência de suas
[metamorfozes.

(...)

Contudo, não se deve ligar demasiada importância ao
[tempo. Ele corre de qualquer maneira.

É até possível que não exista.

Seu propósito evidente é envelhecer o mundo.

Mas a resposta do mundo é renascer sempre para o
[tempo.

Texto 2

O tempo e os relógios

(Cecília Meireles)

Creia-se ou não, todo mundo sente que o tempo passa. Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio: o tempo está em nosso coração, e ouve-se; o tempo está em nosso pensamento, e lembra-se. “Vou matando o tempo, enquanto o tempo não me mata” - respondia-me na Índia um grande homem amigo meu, cada vez que perguntava como ia passando.

(...)

Em todo caso, esses são os tempos grandes. O tempo pequeno é o dos nossos relógios.

Muitos recursos lingüísticos garantem ao texto a sua coesão e expressividade.

No texto de Aníbal Machado, os termos “mas” (3º verso) e “contudo” (6º verso) têm a mesma função coesiva e expressiva? Justifique a sua resposta.

No trecho do texto 2 “Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio: o tempo está em nosso coração, e ouve-se...”, os dois pontos poderiam ser substituídos por um conectivo para ligar as orações. Reescreva o trecho, explicitando esse elemento de ligação das orações.

66) (UFV-2005) Leia o poema abaixo, de Cecília Meireles:

Reinvenção

A vida só é possível
Reinventada.
Anda o sol pelas Campinas
E passeia a mão dourada
Pelas águas, pelas folhas...
Ah! Tudo bolhas
Que vêm de fundas piscinas
De ilusionismo... - mais nada.
Mas a vida, a vida, a vida,
A vida só é possível
Reinventada.
Vem a lua, vem, retira
As algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
Cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
Da lua, na noite escura.
Não te encontro, não te alcanço...
Só - no tempo equilibrada,
Desprendo-me do balanço
Que além do tempo me leva.
Só - na treva,
Fico: recebida e dada.
Porque a vida, a vida,
A vida só é possível
Reinventada.

Nesse poema aparece expressa a seguinte oposição fundamental:

- vida versus morte.
- realidade versus ficção.
- presença versus ausência.
- dia versus noite.
- liberdade versus prisão.

67) (UFRJ-2005) ROMANCE II OU DO OURO INCANSÁVEL

Mil bateias¹ vão rodando
sobre córregos escuros;

a terra vai sendo aberta
por intermináveis sulcos;
infinitas galerias
penetram morros profundos.
De seu calmo esconderijo,
o ouro vem, dócil e ingênuo;
torna-se pó, folha, barra,
prestígio, poder, engenho...
É tão claro! - e turva tudo:
honra, amor e pensamento.
Borda flores nos vestidos,
sobe a opulentos altares,
traça palácios e pontes,
eleva os homens audazes,
e acende paixões que alastram
sinistras rivalidades.
Pelos córregos, definham
negros, a rodar bateias.
Morre-se de febre e fome
sobre a riqueza da terra:
uns querem metais luzentes,
outros, as redradas² pedras.
Ladrões e contrabandistas
estão cercando os caminhos;
cada família disputa
privilégios mais antigos;
os impostos vão crescendo
e as cadeias vão subindo.
Por ódio, cobiça, inveja,
vai sendo o inferno traçado.
Os reis querem seus tributos,
- mas não se encontram vassalos.
Mil bateias vão rodando,
mil bateias sem cansaço.
Mil galerias desabam;
mil homens ficam sepultos;
mil intrigas, mil enredos
prendem culpados e justos;
já ninguém dorme tranqüilo,
que a noite é um mundo de sustos.
Descem fantasmas dos morros,
vêm almas dos cemitérios:
todos pedem ouro e prata,
e estendem punhos severos,
mas vão sendo fabricadas
muitas algemas de ferro.
(MEIRELES, Cecília. Poesias completas. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira, 1974.)

O poema de Cecília Meireles apresenta um tom épico e revela afinidades com as propostas que distinguiram a chamada geração de 30 da primeira geração modernista.

a) Indique duas características do poema relacionadas ao gênero épico.

b) Aponte um aspecto em comum entre a perspectiva da autora sobre o país, revelada nesse texto, e a que predominou na obra de romancistas da geração de 30.

68) (UFPB-2006) Romanceiro da Inconfidência

Romance LIII ou Das palavras aéreas

1 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

8 Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!

10 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...

18 A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...

26 Detrás de grossas paredes,
de leve, quem vos desfolha?
Pareceis de tênue seda,
sem peso de ação nem de hora...
- e estais no bico das penas,
- e estais na tinta que as molha,
- e estais nas mãos dos juizes,
- e sois o ferro que arrocha,
- e sois barco para o exílio,
- e sois Moçambique e Angola!

36 Ai, palavras, ai, palavras,
íeis pela estrada afora,
erguendo asas muito incertas,
entre verdade e galhofa,
desejos do tempo inquieto,
promessas que o mundo sopra...

42 Ai, palavras, ai, palavras,
mirai-vos: que sois, agora?

44 - Acusações, sentinelas,
bacamarte, algema, escolta;
- o olho ardente da perfídia,
a velar, na noite morta;
- a umidade dos presídios,
- a solidão pavorosa;
- duro ferro de perguntas,
com sangue em cada resposta;
- e a sentença que caminha,
- e a esperança que não volta,
- e o coração que vacila,
- e o castigo que galopa...

56 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Perdão podíeis ter sido!
- sois madeira que se corta,
- sois vinte degraus de escada,
- sois um pedaço de corda...
- sois povo pelas janelas,
cortejo, bandeiras, tropa...

64 Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Éreis um sopro na aragem...
- sois um homem que se enforca!
(MEIRELES, Cecília. **Os melhores poemas de Cecília Meireles** /seleção Maria Fernanda. 11. ed. São Paulo: Global, 1999, p. 143-146).

GLOSSÁRIO:

quedar: ficar, deter-se, conservar-se.

retorta: vaso de vidro ou de louça com o gargalo recurvo, voltado para baixo e apropriado para operações químicas.

tênue: delgado, fino.

galhofa: gracejo, risada.

bacamarte: arma de fogo.

perfidia: deslealdade, traição.

aragem: vento brando, brisa.

No poema, há uma relação entre a potência das palavras e um movimento de rebelião política ocorrido, no Brasil, no final do século XVIII. Essa relação aparece de forma mais evidente no seguinte verso:

- a) "sois de vento, ides no vento," (verso 4)
- b) "sois a mais fina retorta:" (verso 21)
- c) "- sois madeira que se corta," (verso 59)
- d) "- sois povo pelas janelas," (verso 62)
- e) "- sois um homem que se enforca!" (verso 67)

69) (UFPB-2006) No Romanceiro da Inconfidência, Cecília Meireles recria poeticamente os acontecimentos históricos de Minas Gerais, ocorridos no final do século XVIII. Nesta

mesma época, circulavam, em Vila Rica, as *Cartas Chilenas*, atribuídas a Tomás Antônio Gonzaga.

O fragmento a seguir foi extraído da *Carta 2* em que Critilo (Gonzaga), dirigindo-se ao seu amigo Doroteu (Cláudio Manuel da Costa), narra o comportamento do Fanfarrão Minésio (Luís da Cunha Meneses, governador de Minas).

Aquele, Doroteu, que não é Santo
 Mas quer fingir-se Santo aos outros homens,
 Pratica muito mais, do que pratica,
 Quem segue os são caminhos da verdade.
 Mal se põe nas Igrejas, de joelhos,
 Abre os braços em cruz, a terra beija,
 Entorta o seu pescoço, fecha os olhos,
 Faz que chora, suspira, fere o peito;
 E executa outras muitas macaquices,
 Estando em parte, onde o mundo as veja.
 (GONZAGA, Tomás Antônio. **Cartas Chilenas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 68-69).

Considerando as informações apresentadas e esse fragmento poético, é correto afirmar:

- O autor descreve as atitudes do governador de Minas sem fazer uso de um tom irônico.
- O autor critica algumas atitudes do governador de Minas, julgando-as dissimuladas.
- O autor descreve, com humor, o comportamento do governador de Minas, sem apresentar um posicionamento crítico.
- O tom satírico, presente nas *Cartas Chilenas*, não é observado nesse fragmento, pois, aqui, há apenas a descrição das práticas religiosas do Fanfarrão Minésio.
- O autor chama a atenção para o fato de que o governador de Minas age com fervor, longe dos olhos dos fiéis.

70) (UEL-2006) Conto “Feliz Aniversário” (*Laços de Família*, 1960), de Clarice Lispector (1920-1977).

Na cabeceira da mesa, a toalha manchada de coca-cola, o bolo desabado, ela era a mãe. A aniversariante piscou. Eles se mexiam agitados, rindo, a sua família. E ela era a mãe de todos. E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta. Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e, impotente à cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspiasse. Rodrigo, o neto de sete anos, era o único a ser a carne de seu coração.

Rodrigo, com aquela carinha dura, viril e despenteada, cadê Rodrigo? Rodrigo com olhar sonolento e intumescido naquela cabecinha ardente, confusa. Aquele seria um homem. Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos, lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha.

Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão. (LISPECTOR, Clarice. *Feliz Aniversário*. In: *Laços de Família*. 28. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 78-79.)

Ainda que Clarice Lispector tenha morrido um dia antes de completar cinqüenta e sete anos, a problemática das mulheres de terceira idade faz-se presente em muitos de seus contos. “Feliz Aniversário” registra tal tema. Neste conto, sentada à cabeceira da mesa preparada para a comemoração de seu octagésimo-nono aniversário, D. Anita:

- Vê, horrorizada, sua descendência constituída por seres mesquinhos.
- Lembra-se, saudosa, da época em que seu marido era vivo e com ela dividia as dificuldades cotidianas.
- Contempla seu neto, Rodrigo, a trazer-lhe ao presente a imagem do falecido marido quando jovem.
- Rememora, com rancor, sua vida de mulher, seja enquanto esposa, seja enquanto mãe, mostrando-se indignada com a atual falta de afeto de filhos, netos e bisnetos.
- Mistura presente e passado, deixando emergir a saudade que há tempo domina seu cotidiano.

71) (ESPM-2007) Leia o poema abaixo:

Canções

Se não houvesse montanhas!
 Se não houvesse paredes!
 Se o sonho tecesse malhas
 e os braços colhessem redes!
 Se a noite e o dia passassem
 como nuvens, sem cadeias,
 e os instantes da memória
 fossem vento nas areias!
 Se não houvesse saudade,
 solidão nem despedida...

Se a vida inteira não fosse,
além de breve, perdida!
Eu tinha um cavalo de asas,
que morreu sem ter pascigo.
E em labirintos se movem
os fantasmas que persigo.

(Cecília Meireles)

VOCABULÁRIO:

pascigo: pasto, erva para alimento do gado; pastagem; (fig.) alimento espiritual, satisfação.

Sobre o poema acima assinale a afirmação que **não** procede:

- Na 1ª estrofe, os vocábulos “montanha” e “parede” estão no sentido conotativo, remetendo à idéia de obstáculo, separação, a serem transpostos.
- O vocábulo “sonho” remete ao plano da fantasia ou irrealidade, já os verbos tecer e colher remetem ao plano concreto, real.
- Tecer “malhas” e colher “redes” sugerem a idéia de união e solidariedade.
- Os vocábulos “montanhas” e “paredes” se opõem semanticamente a “malhas” e “redes”.
- O “eu” poético faz um questionamento existencial de ordem moral e religiosa.

72) (UFMG-2007) Com base na leitura de Viagem, de Cecília Meireles, é CORRETO afirmar que a poesia dessa obra revela

- adesão firme à religiosidade católica.
- conexão com valores atemporais da tradição.
- engajamento na luta contra os parnasianos.
- entusiasmo pelo mundo industrial e mecânico.

73) (UFSCar-2004) Leia o texto seguinte.

Reinvenção

A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas

campinas

e passeia a mão

dourada

pelas águas, pelas

folhas. . .

Ah! tudo bolhas
que vêm de fundas

piscinas

de ilusionismo . . . -

mais nada.

Mas a vida, a vida , a

vida

a vida só é possível
reinventada. [...]

Meireles)

Podemos dizer que, nesse trecho de um poema de Cecília Meireles, encontramos traços de seu estilo

- sempre marcado pelo momento histórico.
- ligado ao vanguardismo da geração de 22.
- inspirado em temas genuinamente brasileiros.
- vinculado à estética simbolista.
- de caráter épico, com inspiração camoniana.

74) (ITA-2005) O poema abaixo, de autoria de Cecília Meireles, faz parte do livro Viagem, de 1939.

Epigrama 11

A ventania misteriosa
passou na árvore cor-de-rosa,
e sacudiu-a como um véu,
um largo véu, na sua mão.
Foram-se os pássaros para o céu.
Mas as flores ficaram no chão.
(MEIRELES, Cecília. Viagem/Vaga Música.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.)

Esse poema

- mostra uma certa herança romântica, tanto pelo teor sentimental do texto como pela referência à natureza.
- mostra uma certa herança simbolista, pois não é um poema centrado no “eu”, nem apresenta excesso emocional.
- expõe de forma metafórica uma reflexão sobre algumas experiências difíceis da vida humana.
- é um poema bastante melancólico por registrar de forma triste o sofrimento decorrente da perda de um ente querido.

Estão **corretas** as afirmações

- I e III.
- I, III e IV..
- II e III.
- II, III e IV.
- II e IV

75) (UFV-2005) Leia os poemas de Cecília Meireles, retirados de **Viagem** e **Vaga Música**:

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.
Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,

Tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
A minha face?

Epigrama do espelho infiel (a João de Castro Osório)

Entre o desenho do meu rosto
e o seu reflexo,
meu sonho agoniza, perplexo.
Ah! Pobres linhas do meu rosto
desmanchadas do lado oposto,
e sem nexo!
E a lágrima do seu desgosto
Sumida no espelho convexo.
Assinale a afirmativa INCORRETA:
a) Os dois poemas retratam a passagem do tempo.
b) O segundo poema pode ser lido como uma resposta à pergunta final do primeiro.
c) Os dois poemas apresentam o eu lírico conformado diante da mudança inexorável da vida.
d) No primeiro poema, o eu lírico se tornou menos emotivo com as mudanças sofridas através do tempo.
e) Os dois poemas contêm uma característica marcante da poética cecilianiana: a reflexão sobre o humano.

76) (UFV-2005) São características dos poemas de **Viagem e Vaga Música**, de Cecília Meireles, EXCETO:
a) Presença de elementos provenientes do mundo da natureza, como: vento, ar, pássaro, flor...
b) Utilização de métrica e rima, apesar da predominância dos versos livres.
c) Conteúdo intensamente lírico e musicalidade delicada, expressos em poemas curtos.
d) Expressão da transitoriedade da vida e da efemeridade da existência.
e) Negação da transcendência da realidade enquanto tema existencial.

77) (ESPM-2007) Leia o poema abaixo:

Canções

Se não houvesse montanhas!
Se não houvesse paredes!
Se o sonho tecesse malhas
e os braços colhessem redes!
Se a noite e o dia passassem
como nuvens, sem cadeias,
e os instantes da memória
fossem vento nas areias!
Se não houvesse saudade,
solidão nem despedida...
Se a vida inteira não fosse,
além de breve, perdida!
Eu tinha um cavalo de asas,

que morreu sem ter pascigo.
E em labirintos se movem
os fantasmas que persigo.

(Cecília Meireles)

VOCABULÁRIO:

pascigo: pasto, erva para alimento do gado; pastagem; (fig.) alimento espiritual, satisfação.

Sobre o poema acima assinale a afirmação que **não** procede:

- Na 2ª estrofe, os vocábulos “nuvens” e “vento” sugerem idéia de transitoriedade, fugacidade, efemeridade.
- Se “a noite e o dia” passassem sem seqüência, sem ordem, de forma livre, não se estaria preso ao tempo.
- O “eu” poético sugere que o tempo e a memória são uma clausura, uma prisão contínua, da qual não se pode fugir.
- Na 3ª estrofe, evidencia-se de forma ostensiva que a separação da amada, sem despedida, seria responsável pela saudade e solidão do “eu” poético.
- Na 4ª estrofe, estabelece-se um passado marcado por sonhos que não se realizaram; um presente vago e impreciso, sem saída, em que se perseguem elementos fugidios e ilusórios.

78) (UFMG-2007) Assinale a alternativa que apresenta um trecho de manifesto, prefácio ou poema modernista explicitamente programático com que a poesia de Viagem tem afinidades.

- “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.”
- “Alegria de inventar, de descobrir, de correr! Alegria de criar o caminho com a planta do pé!”
- “Marinetti foi grande quando redescobriu o poder sugestivo, associativo, simbólico, universal, musical da palavra em liberdade.”
- “O artista canta agora a realidade total: a do corpo e a do espírito, a da natureza e a do sonho...”

79) (Mack-2002) Embalo da canção

01 Que a voz adormeça
02 que canta a canção!
03 Nem o céu floresça
04 nem floresça o chão.

05 (Só - minha cabeça,
06 Só - meu coração.
07 Solidão.)

08 Que não alvoreça
09 nova ocasião!
10 Que o tempo se esqueça
11 de recordação!

12 (Nem minha cabeça

13 nem meu coração.
14 Solidão!)
Cecília Meireles

Considerando o texto dado, assinale a alternativa correta sobre Cecília Meireles.

- a) Reincorporou à lírica do Modernismo a temática intimista, aliada à modulação de metros breves mais tradicionais.
- b) Influenciada pelo experimentalismo estético, buscou, na concisão dos versos livres, a objetividade expressiva.
- c) Conciliou o ideal de impassibilidade da expressão poética ao visionarismo de quadros bucólicos.
- d) Sua linguagem prosaica representa o ponto alto da poesia modernista brasileira.
- e) Inovou a poesia brasileira, desenvolvendo a temática religiosa em sonetos de inspiração camoniana.

80) (UFCE-1996) UM CÃO, APENAS

01 Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim - plantas em flor de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito -, eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal do pórtico, um cãozinho triste interrompe o seu sono, levanta a cabeça e fita-me. É um triste cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas, as mechas brancas do pêlo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrima que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com um grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz ali, eu não devia ter chegado. Já que lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem...

02 Ele, porém, levantava-se e olhava-me. Levantava-se com a dificuldade dos enfermos graves: acomodando as patas da frente, o resto do corpo, sempre com os olhos em mim, como à espera de uma palavra ou de um gesto. Mas eu não o queria vexar nem oprimir. Gostaria de ocupar-me dele: chamar alguém, pedir-lhe que o examinasse, que receitasse, encaminhá-lo para um tratamento... Mas tudo é longe, meu Deus, tudo é tão longe. E era preciso passar. E ele estava na minha frente inábil, como envergonhado de se achar tão sujo e doente, com o envelhecido olhar numa espécie de súplica.

03 Até o fim da vida guardarei seu olhar no meu coração. Até o fim da vida sentirei esta humana infelicidade de nem sempre poder socorrer, neste complexo mundo dos homens.

04 Então, o triste cãozinho reuniu todas as suas forças, atravessou o patamar, sem nenhuma dúvida sobre o caminho, como se fosse um visitante habitual, e

começou a descer as escadas e as suas rampas, com as plantas em flor de cada lado, as borboletas incertas, salpicos de luz no granito, até o limiar da entrada. Passou por entre as grades do portão, prosseguiu para o lado esquerdo, desapareceu.

05 Ele ia descendo como um velhinho andrajoso, esfarrapado, de cabeça baixa, sem firmeza e sem destino. Era, no entanto, uma forma de vida. Uma criatura deste mundo de criaturas inumeráveis. Esteve ao meu alcance; talvez tivesse fome e sede; e eu nada fiz por ele; amei-o, apenas, com uma caridade inútil, sem qualquer expressão concreta. Deixei-o partir, assim humilhado, e tão digno, no entanto, como alguém que respeitosa e pede desculpas de ter ocupado um lugar que não era seu.

06 Depois pensei que nós todos somos, um dia, esse cãozinho triste, à sombra de uma porta. E há o dono da casa, e a escada que descemos, e a dignidade final da solidão.

(MEIRELES, Cecília. ILUSÕES DO MUNDO: CRÔNICAS. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 16-17)

Leia as frases a seguir atentando para a concordância verbal e resolva os quesitos que se seguem:

a) Assinale C ou E conforme estejam certas ou erradas as frases

- 1. () Muitos de vós sereis como este cãozinho.
- 2. () E como este, há muitos cãesinhos andrajosos no mundo.
- 3. () Dali até a casa do cãozinho é duzentos metros.
- 4. () Não fui eu quem socorreu o cãozinho.
- 5. () Qual de nós poderemos socorrer o cão?

b) Justifique sua resposta ao item 4.

c) Escolha UMA dentre as quatro restantes e justifique sua resposta. Indique o item escolhido.

81) (UFSCar-2002) O grande clandestino (Aníbal Machado)

Eu me distraio muito com a passagem do tempo. Chego às vezes a dormir. O tempo então aproveita e [passa escondido.

Mas com que velocidade!

Basta ver o estado das coisas depois que desperto:

[quase todas fora do lugar, ou desaparecidas; outras [com uma prole imensa;

O que é preciso é nunca dormir, e ficar vigilante, para [obrigá-lo ao menos a disfarçar a evidência de suas [metamorfozes.

(...)

Contudo, não se deve ligar demasiada importância ao [tempo. Ele corre de qualquer maneira.

É até possível que não exista.

Seu propósito evidente é envelhecer o mundo.
Mas a resposta do mundo é renascer sempre para o [tempo.

Texto 2

O tempo e os relógios
(Cecília Meireles)

Cria-se ou não, todo mundo sente que o tempo passa. Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio: o tempo está em nosso coração, e ouve-se; o tempo está em nosso pensamento, e lembra-se. “Vou matando o tempo, enquanto o tempo não me mata” - respondia-me na Índia um grande homem amigo meu, cada vez que perguntava como ia passando.

(...)

Em todo caso, esses são os tempos grandes. O tempo pequeno é o dos nossos relógios.

Ambos os textos tratam da questão do tempo, da forma como ele age sobre as pessoas e como elas o sentem.

a) No texto 1, o autor deixa claro que é impossível fugir à ação do tempo. Transcreva o trecho que comprova essa idéia.]

b) Que relação há entre “olhar para o espelho” e o tempo, no texto de Cecília Meireles? A que verso do texto 1 essa relação pode ser associada?

82) (UFV-2005) Os cinco poemas de abertura (iniciais) de **Vaga Música**, de Cecília Meireles, contêm palavras pertencentes a um mesmo campo semântico, constituindo-se em metáfora recorrente da poética cecilianiana. Identifique-a:

- a) Metáfora da música.
- b) Metáfora da água.
- c) Metáfora do céu.
- d) Metáfora da chuva.
- e) Metáfora da terra.

83) (ESPM-2007) O existencialismo ocupa-se fundamentalmente com o modo de ser do homem no mundo (existência), entendida como a atualização ou realização de nossas possibilidades intrínsecas. (...) Por isso a filosofia nada mais é que a tentativa de penetração e análise de nossa condição no mundo, entre os outros e as coisas. (Prof. Fernando Teixeira). Dos trechos abaixo, extraídos da obra de Clarice Lispector, assinale aquele que **não** ilustra claramente essa afirmação:

a) “Perdi alguma coisa que me era essencial, que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar, mas que fazia de mim um tripé estável” (A Paixão Segundo G.H.).

b) “Eu estava agora tão maior que não me via mais. Tão grande como uma paisagem ao longe (...) como poderei dizer senão timidamente: a vida se me é. A vida se me é, e eu não entendo o que diga. Então adoro.” (idem)

c) “Estou tentando me entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi.” (idem)

d) “Eu queria escrever um livro. Mas onde estão as palavras? esgotaram-se os significados. Como surdos e mudos comunicamo-nos com as mãos.” (Um Sopro de Vida)

e) “Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do é da coisa. Esses instantes que decorrem no ar que respiro: em fogos de artifício eles espocam mudos no espaço.” (Água Viva)

84) (ITA-2003) A questão a seguir refere-se ao poema “Canção”, de Cecília Meireles.

Canção

Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
- depois, abri o mar com as mãos
para o meu sonho naufragar

Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,
a noite se curva de frio;
debaixo da água vai morrendo
meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso,
para fazer com que o mar cresça,
e o meu navio chegue ao fundo
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito;
praia lisa, águas ordenadas,
meus olhos secos como pedras
e as minhas duas mãos quebradas

Cecília Meireles, poeta da segunda fase do Modernismo Brasileiro, faz parte da chamada “Poesia de 30”. Sobre esta autora e seu estilo, é **CORRETO** afirmar que ela

- a) seguiu rigidamente o Modernismo Brasileiro, produzindo uma poesia de consciência histórica.
- b) não seguiu rigidamente o Modernismo Brasileiro, produzindo uma obra de traços parnasianos.
- c) seguiu rigidamente o Modernismo Brasileiro, produzindo uma poesia panfletária e musical.

d) não seguiu rigidamente nenhuma corrente do Modernismo Brasileiro, produzindo uma poesia lírica, mística e musical.

e) não seguiu rigidamente nenhuma corrente do Modernismo Brasileiro, produzindo uma poesia histórica, engajada e musical.

85) (UFV-2005) Apesar de ter surgido na Literatura Brasileira em 1922 – eclosão do movimento modernista – a produção poética de Cecília Meireles se filia à corrente espiritualista, com nítida influência simbolista. A afirmativa acima é falsa ou verdadeira? Se você acha que é falsa, identifique o erro e comente-o. Se você acha que é verdadeira, identifique uma característica simbolista na poesia de Cecília Meireles e comente-a.

Gabaritos e Resoluções

- 1) Alternativa: A
- 2) Alternativa: E
- 3) Alternativa: D
- 4) Alternativa: A
- 5) Alternativa: D
- 6) Alternativa: E
- 7) Alternativa: C
- 8) Alternativa: A
- 9) Alternativa: E
- 10) Alternativa: D
- 11) Alternativa: A

12) A palavra em questão é “espaia”, que o autor teve o cuidado de colocar entre aspas, por se tratar de forma própria de um dialeto estranho ao empregado no texto. A linguagem do texto é coloquial urbana; “espaia” (assim como o “uai!” anteriormente atribuído à velhinha) é forma do dialeto caipira, corrente no interior de São Paulo e de Minas Gerais.

- 13) Alternativa: C
- 14) Alternativa: B

15) a) A expectativa era a de que o candidato esboçasse sinteticamente o episódio mencionado, fundamental na estrutura do romance. Belmiro sai à rua e acaba arrastado por um cordão de foliões. Aos poucos, vai deixando-se contaminar pelo espírito da festa, estimulado por lança-perfume e bebida, até misturar-se à multidão. Descobrimo-se num baile de clube, encanta-se com uma moça que o toma fugazmente pela mão, em quem vê a projeção da namorada ideal, mito construído na infância e cristalizado na figura da “donzela Arabela”. O encontro termina quando Belmiro, sob o efeito dos excessos, desaba no salão, sendo carregado a um sofá em que dorme até a manhã seguinte.

b) A questão remete a um aspecto central do narrador em primeira pessoa do romance: sua vocação literária. O candidato deveria assinalar que o encontro perturba Belmiro a tal ponto que as memórias, associadas ao passado feliz, acabam perdendo interesse e mudam para a preocupação de descobrir quem era a moça entrevista no

baile e para os planos de aproximação. A partir deste ponto, o projeto do livro, originalmente pensado como memórias, torna-se cada vez mais um diário íntimo, predominantemente voltado para o presente.

- 16) Resposta: 21
Alternativas Corretas: 01, 04 e 16

- 17) Alternativa: B
- 18) Alternativa: C
- 19) Alternativa: A
- 20) Alternativa: A
- 21) Alternativa: C
- 22) Alternativa: B
- 23) Alternativa: B
- 24) Alternativa: B

25)

a) A concepção de amor no texto 1 traz a idealização do sentimento amoroso tanto quanto da mulher amada; a imaginação é valorizada; o amor tem absoluto domínio sobre as personagens.

No segundo texto o poeta se vale da ironia. Todo mundo ama alguém, mas ninguém é feliz. Lili, a personagem “que não amava ninguém”, é a única do grupo que encontrou um par, o tal J. Pinto Fernandes, que nem “tinha entrado na história”..

b)

- 1º movimento: do verso 1 ao verso 3;
- 2º movimento: do verso 4 ao verso 7.

- 26) Alternativa: B
- 27) Alternativa: D
- 28) Alternativa: B

29) O candidato pode argumentar, por exemplo, que o eu-lírico considera-se “preso à vida”, ao “tempo presente”, à “vida presente”, e olha os outros homens como seus “companheiros”, razão pela qual propõe que fiquem juntos e de **mãos dadas**, sendo as mãos dadas o símbolo da solidariedade.

- 30) Alternativa: C

31) Alternativa: B

32) Alternativa: C

33) Alternativa: A

34) Alternativa: B

35) No poema “Os velhos”, há uma constelação de três rimas em torno de uma palavra central no contexto — idade. Trata-se, porém, de palavra que apenas aparece no texto em composição ou sugerida por outras que rimam com ela: “enorm’idade”, “eternidade” e “vontade”.

Quanto à métrica, os versos deste poema podem classificar-se, não propriamente como versos livres, mas polimétricos, pois há diversos decassílabos, ladeados por hexassílabos (decassílabos “quebrados”) e versos de outras medidas.

Nos dois últimos versos, a figura de harmonia é a sibilização ou aliteração do s: “Sigo, seco e só”.

36) O eu lírico exprimiu a vontade paradoxal de ser um velho atemporal, porque “velho desde sempre”.

37) Alternativa: D

38) Alternativa: D

39) Alternativa: C

40) a) Nos verbos empregados no imperativo em ambos os poemas, depreende-se uma exortação, incitação, estímulo a **não nos afastarmos** e a **irmos de mãos dadas** (texto I) e a **crermos** (fragmento de Castro Alves) em mudanças possíveis.

b) Em ambos os poemas, depreende-se um convite aos leitores para efetivarem uma ação social, em concordância com as idéias de união em torno de um projeto.

41) Alternativa: E

42) Alternativa: A

43) Alternativa: B

44) Alternativa: E

45) Alternativa: D

46) Alternativa: B

47) Resposta: 18

Alternativas Corretas: 02 e 16

48) Alternativa: C

49) Alternativa: E

50) O texto de Carlos Drummond de Andrade atém-se ao padrão culto da língua, apesar de não ter um tom “elevado”. Ao contrário, o tom do texto é coloquial, mas sem investir nos coloquialismos que caracterizam o registro decididamente oral da crônica de Stanislaw Ponte Preta. No texto deste último, o advérbio “lá” apresenta sentido espacial (lá = no saco); no texto de Drummond, o sentido desse advérbio é temporal (lá = quando se tem 100, 200 anos).

51) a) Um recurso utilizado tipicamente modernista é o **deboche**, que se manifesta através da crítica ao oficialismo literário. Não só as idéias defendidas nos poemas, como também os versos livres, soltos e a utilização de uma linguagem coloquial são confirmações desse deboche. b) A afirmação **não** pode ser aplicada aos poemas. Os textos acima vão além do imediato, uma vez que suas críticas permanecem atuais até hoje, ou, pelo menos, permanecerão atuais até o momento em que fizerem sentido e provocarem sensação de humor.

52) Alternativa: A

53) a) O anjo de Drummond vem desenhado bem no estilo grave que lhe impõe a língua literária, culta; já o anjo de Chico Buarque, vem no estilo bem popular com que o autor o coloca na sua composição “safado”, “chato” e menos culto, bem na linhagem dos malandros que costumam ser brindados nas composições do autor. b) O verbo “dizer” passa apenas a idéia neutra de uma informação; já “decretar” deixa clara a imposição a que parece não pode o sujeito esquivar-se de obedecer. A própria figura do querubim, na escala angelical é superior à do simples anjo, o que justifica a diferente escolha lexical.

54) Alternativa: C

55) Alternativa: C

56) a) Logo no primeiro verso, ele admite uma inserção social específica (“minha classe”), à qual relaciona a adoção de valores culturais (“algumas roupas”); no entanto, o incômodo que essa inserção lhe causa se manifesta na imagem da *prisão*. A “rua cinzenta” do segundo verso funciona como síntese da sociedade capitalista. A oposição do poeta a esse mundo é demarcada ali com o auxílio de uma imagem também própria do campo semântico de “cinzenta”: “Vou de branco” (que, por sua vez, indica pureza). A sociedade

assim caracterizada evoca a tristeza, confirmada no terceiro verso pela expressão “melancolias”. O substantivo “mercadorias” remete de imediato ao universo consumista próprio do Capitalismo, e a rima interna que o verso apresenta (“Melancolias, mercadorias”) favorece o estabelecimento de uma associação entre os dois termos, de forma a evidenciar a visão negativa que o poeta apresenta daquela sociedade.

b) O impasse referido pelo poeta no final da segunda estrofe se manifesta na dificuldade de comunicação, ponto central dos dois últimos versos do fragmento.

57) a) O eu lírico se dirige aos poetas, também chamados de “irmãos”, com a finalidade de exortá-los a cantar o mundo futuro.

b) A “cidade” referida no título do poema consiste no mundo futuro, idealizado como espaço de igualdade entre os homens. Isso faz lembrar de o mito da “idade de ouro”, registrado por Hesíodo (poeta grego do séc. VIII a.C.), e se configura na descrição profética iniciada no quinto verso (“Um mundo enfim ordenado”), estendendo-se até o décimo-oitavo (“como nunca houve nenhum”).

c) A própria poesia e a questão social entrelaçam-se nitidamente nos versos de “Cidade prevista”, na exortação feita aos poetas para que cantassem a utopia de um mundo em que os homens fossem solidários, livres e felizes. Quanto à estrutura, no poema em questão, os versos são redondilhos maiores (sete sílabas poéticas), exceto os versos 12 e 13, que são octossílabos, caracterizando a poética tradicional que também faz parte de poemas do livro.

58) a) Algumas características do poema de Drummond que reafirmam valores e procedimentos típicos da primeira fase do Modernismo são: o uso da linguagem coloquial; a opção pelo tom prosaico na poesia; a liberdade formal, utilizando versos livres e brancos; a ironia e a crítica aos valores tradicionais burgueses.

b) Em ambos os textos percebe-se um tom de crítica aos valores e à constituição da família tradicional. No conto de Mário de Andrade, a preponderância da figura do pai como causa de dor e infelicidade é visível (“Mas, devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, de uma exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim”). No poema de Drummond, o papel feminino, representado pela figura sempre presente da mãe, aparece explicitada no final de todas as estrofes (“e a mulher que trata de tudo”).

59) a) O tema comum aos dois textos é o desajustamento da vida do personagem, que o autor denomina

afrancesadamente de “gaucherie”. É um destino “errado” que o poeta se vale do “anjo torto” para responsabilizar; esse mesmo anjo que Chico Buarque mais cinicamente chama de “anjo safado”, “o chato dum querubim”.

b) Em que pese Buarque e Drummond fazerem uso de versos livres, existe rima em Buarque e os versos brancos de Drummond serem bastante representativos do movimento literário a que pertenceu, as estruturas são semelhantes: iniciam-se os dois com orações subordinadas adverbiais temporais quase praticamente iguais - “Quando nasci...” e “Quando eu nasci...” -, para chegarem à ação principal, que introduzem a circunstância em que se dá a ação central - “a maldição do anjo”.

60) Alternativa: D

61) Alternativa: B

62) Alternativa: C

63) Alternativa: E

64) Alternativa: C

65) a) Sim. Mas e contudo são conjunções coordenativas adversativas, cuja função é estabelecer relação de oposição ao que está sendo dito antes.

b) “Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio, **pois** o tempo está em nosso coração, e ouve-se...”

66) Alternativa: B

67) a) Duas dentre as características: tema tratado com dignidade, sem irreverência vocabulário identificado com o uso da língua em situações de formalidade abordagem de fatos históricos, encarados sob a perspectiva da coletividade

b) A poetisa aborda criticamente os problemas do Brasil, enfocando as origens da desigualdade social – tema freqüente no romance regionalista a partir dos anos 30

68) Alternativa: E

69) Alternativa: B

70) Alternativa: A

71) Alternativa: E

72) Alternativa: B

73) Alternativa: D

74) Alternativa: B

75) Alternativa: C

76) Alternativa: E

77) Alternativa: E

78) Alternativa: B

79) Alternativa: A

80) a) C

C

E

C

E

b) a concordância se faz com o pronome Quem, da 3ª pessoa sing.

c) o verbo concorda com a idéia de plural do numeral 200 - questão 3

81) a) No texto I - “Ele (o tempo) corre de qualquer maneira”.

b) No texto II - “Olhar para o espelho” - que, implacavelmente, mostra as marcas do tempo, as rugas, na perda do viço da juventude que se foi. “Envelhecer o mundo”, é a expressão do texto I com esse verso se relaciona.

82) Alternativa: B

83) Alternativa: D

84) Alternativa: D

85) A afirmação de que a obra de Cecília Meireles se filia a uma vertente simbolista é correta. A vertente intimista está presente em sua obra e toca os limites da música abstrata. Há, em suas poesias, um distanciamento do real imediato, caminhando para o indefinido, transformando a poesia em imagens, com tom de fuga e de sonho.